STEFANIA LINS GIANNONI

O LABORATÓRIO DE HUMANIDADES COMO EXPERIÊNCIA DE HUMANIZAÇÃO – Caso Prático em Ambiente Hospitalar

Dissertação apresentada à Universidade Federal de São Paulo para obtenção do título de Mestre Profissional em Ensino de Ciências da Saúde.

2013

STEFANIA LINS GIANNONI

O LABORATÓRIO DE HUMANIDADES COMO EXPERIÊNCIA DE HUMANIZAÇÃO – Caso Prático em Ambiente Hospitalar

Dissertação apresentada à Universidade Federal de São Paulo para obtenção do título de Mestre Profissional em Ensino de Ciências da Saúde.

Orientador: Prof. Dr. Dante Marcelo Claramonte Gallian

2013

Giannoni, Stefania Lins

Mestrado Profissional: O Laboratório de Humanidades como Experiência de Humanização – Caso Prático em Ambiente Hospitalar./ Stefania Lins Giannoni. – São Paulo, 2013.

LV, 75f.

Dissertação (Mestrado Profissional) – Universidade Federal de São Paulo. Centro de Desenvolvimento do Ensino Superior em Saúde – CEDESS.

Título em inglês: The Humanities Laboratory as a Experience of Humanization - Practical Case in the Hospital.

Palavras-chave: 1. Humanização; 2. Humanização no Ambiente Hospitalar; 3. Humanidades; 4. Literatura; 5.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO SUPERIOR EM SAÚDE

MESTRADO PROFISSIONAL

Diretora do CEDESS: Profa. Dra. Irani Ferreira da Silva Gerab

Coordenadora do Programa: Profa. Dra. Lídia Ruiz Moreno

2013

STEFANIA LINS GIANNONI

O Laboratório de Humanidades como experiência de Humanização – Caso Prático em Ambiente Hospitalar

Presidente da Banca: Prof. Dr. Dante Marcelo Claramonte Gallian

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Dr. Luiz Felipe Pondé

Pontifícia Universidade Católica – PUC - SP

_____

Profa. Dra. Bernardete Weber

Hospital do Coração - HCOR

_____

Prof. Dr. Rafael Ruiz Gonzales

Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP

Aprovada em: 23/05/2013

AGRADECIMENTOS

Ao meu querido esposo Ciro que**,** com muito apoio e carinho, não mediu esforços para que eu conquistasse mais esta etapa em minha carreira e aos meus filhos Pedro e Rafael que sempre entenderam as minhas ausências no período de desenvolvimento deste trabalho.

Ao meu pai Pedro por ter sido um modelo da importância do trabalho para a obtenção dos nossos objetivos de vida.

Ao meu orientador professor Dante, gostaria de expressar a minha profunda gratidão pela paciência na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão desta dissertação.

Á Dra. Bernardete Weber, superintendente do Hospital do Coração, pelo auxílio na obtenção de dados para a minha pesquisa.

Ao Prof. Dr. Luiz Felipe Pondé e ao Prof. Rafael Ruiz Gonzales, expresso meu reconhecimento e estima pela participação nesta dissertação.

A todos os professores que me acompanharam durante o mestrado, à Sueli Pedroso pela colaboração e disposição em ajudar e aos colegas que o mestrado proporcionou.

O mundo não é humano só por ser feito de seres humanos, nem se torna assim somente porque a voz humana nele ressoa, mas apenas quando se transforma em objeto do discurso... Nós humanizamos o que se passa no mundo e em nós mesmos apenas falando sobre isso, e no curso deste ato aprendemos a ser humanos.

Hannah Arendt

RESUMO

Título Resumido: Humanização em Hospitais

O objetivo deste estudo foi o de analisar o Laboratório de Humanidades (LabHum) – atividade criada e desenvolvida na EPM-UNIFESP que tem como base a leitura e a discussão de livros clássicos da literatura universal como meio de formação humana na área da saúde – que nesta pesquisa foi transformado em caso prático em ambiente hospitalar. Buscou-se, fundamentalmente, compreender como esta experiência contribuiu para a "humanização" daqueles que dela participaram. O estudo empregou uma metodologia qualitativa: observação participante, análise documental e história oral temática. A experiência realizada no Hospital do Coração-HCor demonstrou resultados positivos, na medida em que a participação no Laboratório de Humanidades possibilitou a mobilização afetiva dos participantes e o desenvolvimento de um processo reflexivo que, muitas vezes, culminou em efetiva mudança no âmbito das atitudes. Neste sentido, tomando como referencial os pressupostos teóricos de uma antropologia não perfectibilista, este estudo pôde verificar a efetividade do Laboratório de Humanidades no ambiente hospitalar como meio de humanização, entendendo esta última como um processo de ampliação da esfera do ser.

Palavras-chave: humanização; humanização no ambiente hospitalar; humanidades; literatura; humanização no atendimento.

ABSTRACT

Humanization in hospitals

The objective of this study was analyze the Laboratory of Humanities (LabHum) –activity that was created and developed in EPM-UNIFESP which is based on the reading and discussion of literature classic books as a means of a human development in healthcare - which in this research has been made as a practical case in hospital environment. The aim of this investigation was to understand how this experience could contribute to the “humanization” of the participants. It was used in this study a qualitative methodology: participant observation, documental analysis and thematic oral history. The experiment in HCor has demonstrated positive results: the Laboratory of Humanities enabled the participants’ affective mobilization and provoked a reflective process that often results in real change in the context of attitudes. So, taking as reference the theoretical assumptions of a “not perfectible” anthropology, this study was able to verify the effectiveness of the LabHum in the hospital as a way of humanizing, understanding this process as an “enlargement of the sphere of being”.

Key Words: Humanization; Humanization in hospital; Humanities; Literature; Healthcare humanization.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 9

1.1. Apresentação 9
1.2. Humanização no Ambiente Hospitalar: Questionamentos e Ações 10
1.3. Justificativa e Objetivos da Pesquisa 14
1.4. O Objeto da Pesquisa: o Laboratório de Humanidades 16

2. METODOLOGIA 20

2.1. O “Experimento”: a realização do Laboratório de Humanidades no HCor 20
2.2. Metodologia do Estudo 25

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO 28

3.1. Descrevendo a Experiência e Delineando Categorias 28
3.2. Analisando as Categorias Temáticas 30
3.2.1. LabHum: Espaço de Quebra de Rotina e Descoberta da Leitura 30
3.2.2. LabHum: Espaço de Encontro com Afetos e Sentimentos 33
3.2.3. LabHum: Espaço de Reflexão e Encontro Consigo Mesmo 34
3.2.4. LabHum : Espaço de Reflexão e Encontro com o Outro 36
3.2.5. LabHum: Espaço de Revisão de Atitudes e Comportamentos 38
3.3. Sintetizando e Sistematizando as Categorias: O LabHum como Experiência de Humanização. 40

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS 43

REFERÊNCIAS 46

ANEXO 1 50

ANEXO 2 53

ANEXO 3 63

ANEXO 4 70

ANEXO 5 73

ANEXO 6 74

1. INTRODUÇÃO

1.1. Apresentação

Este trabalho tem como objetivo descrever e apresentar os resultados de uma atividade formativa, fundamentada na experiência das humanidades, criada e desenvolvida no Centro de História e Filosofia das Ciências da Saúde (CeHFi), da Escola Paulista de Medicina (EPM), da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), denominada Laboratório de Humanidades (LabHum). Atividade esta que foi aplicada em um grupo de profissionais de um hospital privado da cidade de São Paulo: o Hospital do Coração (HCor). A pesquisa verificou como essa atividade, que já vem sendo desenvolvida e estudada no cenário acadêmico (BITTAR, SOUZA e GALLIAN, 2013), impactou no ambiente hospitalar, como elemento promotor de formação humana e humanização na prática profissional e, desta forma, pode ser proposta como instrumento educacional e formativo em instituições da área da saúde.

A metodologia utilizada neste estudo foi de caráter qualitativo, fundamentada na Observação Participante (Bogdan, Biklen, 1994; Geertz, 2002), na Análise Documental (Miller, Crabtree, 2004) dos relatos escritos produzidos pelos participantes, e na História Oral Temática (Gallian, 2008; Holanda, Meihy, 2007) que, por meio de entrevistas, produziu narrativas da experiência vivenciada.

Esta estratégia metodológica possibilitou a produção de material empírico que, a partir de um referencial teórico específico e de uma abordagem analítica apropriada, permitiu identificar o impacto da experiência estética e reflexiva desencadeada pelo Laboratório de Humanidades como recurso “humanizador”, de acordo com determinadas concepções de “humanização” que serão explicitadas adiante.

É importante ressaltar que este trabalho está vinculado a um projeto de pesquisa mais amplo, denominado “As Patologias da Modernidade e os Remédios das Humanidades: investigação e experimentação”, desenvolvido desde 2009 pelo CeHFi-EPM-UNIFESP e financiado pela FAPESP. Tal projeto, que em sua dimensão investigativa pretende analisar os fundamentos históricos e filosóficos dos diversos

conceitos de “humanização” e que, em sua dimensão experimental busca verificar a aplicação do Laboratório de Humanidades como instrumento de formação humanística e de humanização em diversos cenários da área da saúde, abriga atualmente dezenas de projetos de pesquisa que estão sendo desenvolvidos em nível de iniciação científica, mestrado e doutorado em dois programas de pós-graduação da EPM-UNIFESP: Ensino em Ciências da Saúde e Saúde Coletiva.

1.2. Humanização no Ambiente Hospitalar: Questionamentos e Ações

As instituições hospitalares vêm enfrentando uma série de mudanças, na busca de inovação, na tentativa de assegurar a vantagem competitiva, em um mercado globalizado.

> Com o crescimento da população, acesso a tratamento médico e abertura econômica que permitiu modernizar a estrutura hospitalar, surgiram numerosos hospitais por todo o país. Como resultado, a busca por tratamento médico se transformou na procura pelos melhores hospitais que não oferecessem apenas o tratamento, como também a mesma qualidade e conforto oferecida em outros lugares no mundo (GODOI, 2008, p.15).

Na ânsia de atingir os resultados, muitos hospitais acreditam que a melhor estratégia para conquistar o mercado é investir em tecnologia avançada, médicos renomados e corpo clínico competente. Segundo Godoi (2008:17):

> A relação paciente-hospital mudou muito nos últimos anos com a melhoria contínua do atendimento, maior precisão dos diagnósticos e menor tempo de cura com relação aos anos anteriores. São mudanças rápidas, como ocorrem nos demais setores e segmentos da sociedade, e não poderia ser diferente na área da saúde. ... MEZOMO (1995:7) deixa claro que todas essas mudanças também precisam atingir os hospitais, não apenas na sua estrutura física, como principalmente na relação humana entre o cliente de saúde e o hospital.

Recentemente surgiu a hotelaria hospitalar, trazendo toda estrutura do acolhimento hoteleiro para os hospitais, oferecendo aos pacientes, além dos serviços específicos de saúde, conforto, segurança e bem-estar durante sua estada no hospital. Todas essas mudanças impactaram positivamente, contribuindo para a melhoria dos serviços prestados tanto em relação à estrutura de apoio oferecido ao

paciente, quanto às novas tecnologias e qualificação dos profissionais. Entretanto, muitos hospitais ainda não entenderam que isto não é suficiente; é necessário, também, um efetivo investimento nos recursos humanos destas instituições. A alta tecnologia, os apartamentos luxuosos, os serviços de gastronomia são investimentos que geram retornos financeiros e sociais, porém o diferencial serão os profissionais que atuam no hospital. Começa-se a perceber, cada vez mais, que o foco deve agora recair na formação das pessoas, dos profissionais responsáveis pela dimensão humana do acolhimento e do cuidado.

Por outro lado, cabe ressaltar que, fora do âmbito privado, encontramos uma realidade bastante mais complexa: hospitais sem recursos, com falta de estrutura e de condições básicas de prestação de serviços.

É importante observar que, muitas vezes, esta contradição de cenários entre instituições públicas e privadas impacta nos profissionais da saúde de forma semelhante: os profissionais, diante dos cenários apresentados, acabam por se sentirem desmotivados, sem entusiasmo para desenvolver suas atividades e este estado de ânimo afeta o tratamento dado ao paciente, resultando em atitudes de frieza e indiferença, sintomas da desumanização.

> Humanizar significa respeitar o trabalhador enquanto pessoa, enquanto ser humano. Significa valorizá-lo em razão da dignidade que lhe é intrínseca. (COSTA, 2004).
> Humanizar o cuidar é dar qualidade à relação profissional da saúde-paciente. É acolher as angústias do ser humano diante da fragilidade de corpo, mente e espírito. (PESSINI e BERTACHINI, 2011, p.4).

O desenvolvimento tecnológico conduz os hospitais a buscar o lucro incessantemente, muitas vezes considerando as pessoas como meros recursos, havendo desvalorização do profissional. Os conflitos surgem, não há bons relacionamentos, não há ética; a realidade torna-se desumanizada e desumanizadora.

> Os feitos da tecnociência são notória e abundantemente proclamados pela mídia, e até mesmo endeusados. Deparamo-nos diuturnamente com ambientes tecnicamente perfeitos, mas sem alma e ternura humana. A pessoa vulnerabilizada pela doença deixou de ser o centro das atenções e foi instrumentalizada em função de determinado fim. Esqueceu-se de que, se as coisas têm preço e

> podem ser trocadas, alteradas e comercializadas, as pessoas tem dignidade e clamam por respeito. A manipulação se faz presente sutilmente e rouba aquilo que é mais precioso à vida do ser humano: sua dignidade. Entramos num círculo vicioso de coisificação das pessoas humanas e sacralização das coisas, inversão cruel de valores! (PESSINI e BERTACHINI, 2011, p.2).

As pessoas começam a se distanciar dos relacionamentos, a não entrar em contato com o outro. Mesmo possuindo um código de ética que assegura o respeito e a dignidade da pessoa humana, não é esta a realidade que encontramos em boa parte de nossos hospitais. O que encontramos no dia a dia é uma grande dificuldade em criar laços, uma fragilidade nos relacionamentos. De acordo com Bauman (2003), as pessoas buscam relacionamentos de bolso, do tipo que pode se dispor quando necessário e depois tornar a guardar; isto ocorre tanto em nível pessoal como profissional. Não existe um interesse no outro, na sua história, as pessoas querem manter distância, provavelmente como uma couraça para " se manterem seguras" ; na realidade uma falsa segurança, apenas para aquietar-se e não sentir a dor do envolvimento.

Na área da saúde, por muito tempo isto se propagou: os profissionais foram condicionados a não se envolver, a rejeitar a emoção, a tratar da doença e não do doente.

> O fato é que, muitas vezes, nossos hospitais são desumanos, lugares onde as pessoas se sentem diminuídas, despersonalizadas, isoladas. Na luta pela cura e na preocupação com a perfeição técnica o doente é transformado em mero objeto de cuidados e seu conforto e seu bem-estar físico e mental são subordinados às exigências do funcionamento de máquinas ou das restrições econômicas impostas pela administração hospitalar. (PESSINI & BERTACHINI, 2011, p.32**).**

Diante deste contexto, há uma urgência em discutir a necessidade da humanização, de estreitar relações, criando um clima favorável ao atendimento do paciente de forma integral, minimizando o preconceito e julgamento diante das situações. Nesta perspectiva, em 2003, o Ministério da Saúde, criou a Política Nacional de Humanização, cujo objetivo é fomentar a humanização da assistência, definindo princípios e modos de operação, no conjunto das relações entre profissionais e usuários, entre os diferentes profissionais, entre as diversas unidades

e serviços da saúde e entre as instâncias que constituem o SUS (Ministério da Saúde, 2003).

As instituições procuram responder a essa política pública, investindo em ações e programas voltados a melhorias no atendimento ao paciente e à família, humanização do ambiente hospitalar e fortalecimento da equipe multiprofissional no apoio ao paciente e principalmente, no investimento em formação e capacitação de recursos humanos.

Segundo Pessini e Bertachini (2011, p.03):

> A humanização dos cuidados em saúde pressupõe considerar a essência do ser, o respeito à individualidade e a necessidade da construção de um espaço concreto nas instituições de saúde que legitime o humano das pessoas envolvidas.

A aplicação desta política por meio dos mais variados programas, entretanto, ainda que tenha trazido inegáveis avanços na qualidade do atendimento, apresenta, por outro lado, uma série de problemas, principalmente no que se refere ao impacto e aceitação por parte dos profissionais aos quais tais programas são destinados (Barros, Passos, 2005).

Segundo Gallian e Reginato (2009, p.124):

> Quase sempre, considera-se como óbvio que o que se entende por humanização seja o desenvolvimento de ações e atitudes que redundem numa melhoria das relações dos profissionais da Saúde entre si e destes com seus pacientes, o que implica em maior respeito, consideração, atenção, enfim, uma maior humanidade. Neste sentido, programas de “treinamento” vêm sendo desenvolvidos, na intenção de promover “habilidades humanísticas” que serão “agregadas” às “competências técnicas” do profissional da Saúde, seja na sua base educacional, seja no exercício de sua prática. Ao se analisar, entretanto, os resultados de tais abordagens ou programas, levando-se em consideração as opiniões e sentimentos dos que estão sendo treinados ou “educados”, percebe-se claramente a sua ineficácia.

Havendo perdido o élan com os fundamentos filosóficos e culturais humanísticos, essas novas propostas educacionais, nascidas no seio de uma cultura científico-tecnicista, pretendem “ensinar” ou “incutir” humanismo ou humanidade da mesma forma como se ensina e se incute habilidades cognitivas e técnicas. Os

educandos ou profissionais, por sua vez, encaram todo esse processo como mais um conjunto de conteúdos e técnicas que precisam ser incorporadas, em um pacote de “competências” e “habilidades” já demasiadamente pesado e exigente, que apenas incrementa a angústia e a ansiedade (GALLIAN, PONDÉ, RUIZ, 2012). Em suma, havendo descuidado o que é ser humano, a educação contemporânea, no intuito de humanizar, acaba, muitas vezes e paradoxalmente, por contribuir para a desumanização (NAKAMOTO, 2008).

Diante deste impasse que se observa frente à problemática da humanização em Saúde, urge reconsiderar a questão a partir de outros pressupostos teóricos e a partir de outras abordagens educacionais, que se fundamentem nestes pressupostos. De maneira particular, tal como propõe este trabalho, cabe investigar, por exemplo, a validade de uma proposta baseada na experiência estética das humanidades (concretamente da literatura) como meio de formação humanística e de humanização em Saúde.

1.3. Justificativa e Objetivos da Pesquisa

Como psicóloga, pós-graduada em Administração Hoteleira, venho atuando, desde minha formação, na área de Recursos Humanos, especificamente no campo do Treinamento e Desenvolvimento de pessoas, prestando serviços a empresas, hotéis e hospitais. Meu trabalho na área hospitalar está diretamente voltado para capacitar as pessoas a lidar com pacientes e acompanhantes – “humanizar”. Infelizmente, tenho constatado que as técnicas que estão sendo utilizadas não são tão eficazes; muitos colaboradores não se envolvem ou agem de forma robotizada como se estivessem apenas repetindo um *script*.

Assim, fui percebendo que a humanização não pode se realizar por meio do sistema de aprendizado tradicional, fundamentado na ideia técnica de treinamento e comecei a constatar a necessidade de novas abordagens nesta área.

Em busca de novas metodologias, tive a oportunidade de ler uma reportagem que falava sobre o Laboratório de Humanidades da EPM - UNIFESP e resolvi conhecer o projeto. A identificação aconteceu de imediato; encontrei o que estava procurando: uma proposta baseada na experiência estética da literatura como

instrumento de humanização em saúde. Um espaço onde as pessoas têm a possibilidade de refletir sobre o ser humano, e a partir desta reflexão e do compartilhamento com os outros participantes, contribuírem para a humanização.

Esta pesquisa, como já se assinalou acima, faz parte de um projeto maior, cujo título é “As Patologias da Modernidade e os Remédios das Humanidades: investigação e experimentação”, coordenado pelo Professor Dr. Dante Marcello Claramonte Gallian, contando com a participação de professores da UNIFESP e da PUC de São Paulo. O projeto problematiza os pressupostos teórico-filosóficos que fundamentam as políticas e programas de humanização, propondo uma abordagem em duas vertentes: análise “arqueológica” dos conceitos de humanismo, procurando investigar as diversas concepções antropológicas produzidas na Modernidade que determinaram as diferentes perspectivas da humanização; e a investigação do papel das Humanidades como meio de humanização efetiva no âmbito da saúde, partindo da análise qualitativa de uma experiência educacional concreta: o Laboratório de Humanidades. Através da investigação e da experimentação, o projeto procurou compreender em que medida a desumanização pôde ser vista como uma manifestação patológica da modernidade e, concomitantemente, até que ponto a experiência das Humanidades pôde ser apresentada como “remédio” ou caminho de humanização no âmbito da saúde. (GALLIAN, 2009).

O estudo que apresento está inserido na segunda vertente deste projeto e trata-se de uma experiência prática do Laboratório de Humanidades com funcionários de um hospital privado de São Paulo, o Hcor. Meu objetivo foi o de procurar entender como poderia realizar esta experiência em um ambiente hospitalar; se alcançaria os mesmos resultados que se verificava no ambiente acadêmico; qual seria o efeito desta experiência nos colaboradores do hospital e se esta experiência seria um eficaz instrumento de humanização.

Dessa forma, como decorrência dessa inquietação, procurei verificar a possibilidade de desenvolver e propor um “Laboratório de Humanidades” adaptado à cultura hospitalar como meio de fomentar a humanização neste contexto.

1.4. O Objeto da Pesquisa: o Laboratório de Humanidades

O Laboratório de Humanidades teve sua origem no Centro de História e Filosofia das Ciências da Saúde (CeHFi) da EPM/Unifesp em 2003. Inicialmente como atividade extracurricular livre, posteriormente, como atividade de extensão e, atualmente, como disciplina eletiva para cursos de graduação (medicina, enfermagem, fonoaudiologia e ciências biomédicas) e para programas de pós-graduação do campus São Paulo/Unifesp. É uma atividade que busca estimular a formação humanística e a humanização na área da saúde, valendo-se da experiência da leitura e discussão de clássicos da literatura universal[1].

Inicialmente formado por alunos do curso de medicina, ampliou sua atuação e abarcou alunos dos cursos de graduação em Enfermagem, Biomedicina, Fonaoudiologia e de pós-graduação de vários cursos do campus de São Paulo, bem como de docentes e funcionários da Unifesp.

No ano de 2005, o Laboratório de Humanidades obteve credencial para ser atividade de extensão e, em 2009, começou a ser oferecido aos cursos de pós-graduação como atividade creditada.

A atividade é realizada em períodos semestrais que adota como metodologia a leitura e a discussão de dois a três livros por semestre, que são escolhidos pelo coordenador. Uma vez determinada a obra a ser lida, esta é comunicada com algumas semanas de antecedência aos participantes, para que eles possam chegar ao primeiro encontro com a leitura concluída ou bem adiantada. Os encontros são semanais com a duração de 90 minutos.

No primeiro encontro, o coordenador faz uma explanação sobre o Laboratório de Humanidades, objetivos e metodologia. Após a apresentação dos pressupostos teóricos e da metodologia, iniciam-se as histórias de leitura, nas quais os

---

[1] O Laboratório de Humanidades (LabHum) do Centro de História e Filosofia das Ciências da Saúde (CeHFi) da Escola Paulista de Medicina (EPM) da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) já foi objeto de pesquisa apresentada como tese de mestrado neste mesmo programa em 2011(BITTAR, 2011). Publicada em forma de artigo em 2013 (BITTAR, SOUZA e GALLIAN, 2013), tal pesquisa apresenta uma detalhada descrição da história e da dinâmica do LabHum, além de analisar seus resultados no ambiente acadêmico na área da saúde. Para fins de descrição dos fundamentos e metodologia do LabHum, utilizaremos tal artigo como referência preferencial em nosso estudo.

participantes são convidados a falar sobre suas percepções, sentimentos, afetos, ideias e questionamentos que surgiram desta atividade.

Como explica um dos coordenadores do LabHum:

> [A] História de Leitura não é contar a história do livro, pois essa todo mundo já sabe, já que todo mundo leu, mas trata-se antes de contar a história da "minha leitura"; o que eu vi, o que eu senti ao ler esse livro; se gostei ou não gostei e porquê; quais os sentimentos, afetos que a sua leitura me suscitou... Trata-se de contar de que forma eu li o livro e o livro me leu... (BITTAR, SOUZA, GALLIAN, 2013).

Tal abordagem é considerada fundamental, na medida em que toda proposta de humanização que se deseja autêntica e efetiva deve partir de uma "concepção tridimensional do ser, ou seja, de uma antropologia que veja o humano enquanto um ser dotado de afeto, inteligência e vontade" (Bittar, Souza, Gallian, 2013). Neste sentido, o autêntico processo de humanização só poderá ser desencadeado se partir de uma experiência que é primariamente afetiva; experiência esta que o contato com as artes, neste caso, a literatura, podem proporcionar de maneira íntegra.

A partir do compartilhamento e síntese das Histórias de Leitura, cabe ao coordenador elaborar e propor, para o encontro seguinte, o *Itinerário de Discussão*; a segunda fase da dinâmica ou metodologia do Laboratório de Humanidades.

> Uma vez mapeados os afetos, sentimentos, ideias e questionamentos trazidos através das *Histórias de Leitura*, pode-se esboçar um verdadeiro *Itinerário de Discussão*, que já aponta os passos a serem dados nos próximos encontros do LabHum. Trata-se, muitas vezes, de estabelecer um "programa de investigação" sobre determinados personagens do livro, indicando quem vamos 'investigar' primeiro e quem virá depois; ou então, de estabelecer uma sequência de temas ou questões que surgiram nas Histórias de Leitura e que procuraremos enfrentar... Às vezes, pode ser as duas coisas juntas (BITTAR, SOUZA, GALLIAN, 2013).

Durante os encontros, desenvolvem-se discussões com foco nos personagens, atitudes, valores, sendo frequente que a abordagem de situações da vida profissional e pessoal dos participantes torna-se patente, propiciando a reflexão sobre sentimentos e comportamentos próprios e dos outros.

> É neste momento em que se percebe como a experiência estética, suscitando a reflexão, remete para a experiência vivencial, promovendo o exame crítico, a revisão de ideias, concepções e crenças. A comunicação entre arte, pensamento e vida se estabelece não apenas de forma intelectual, distante, mas de forma afetiva e efetiva, na medida em que gera um movimento de transformação (BITTAR, SOUZA, GALLIAN, 2013).

Fechando o ciclo de uma obra, apresenta-se a última fase da dinâmica da LabHum; a das *Histórias de Convivência*. Esta fase coincide com a última reunião do ciclo e é o momento de encerrar o *Itinerário de Discussão*. Neste encontro, é solicitado que cada participante faça uma análise sobre a experiência que vivenciou nas fases anteriores; experiência advinda da leitura do livro e também do compartilhamento de outras leituras, das impressões, opiniões e considerações ouvidas e trabalhadas ao longo do ciclo.

> Momento de síntese, o encontro das *Histórias de Convivência* é a oportunidade de cada Participante se perguntar e dizer: 'o que aprendi com esta obra? O que aprendi com toda essa experiência humana estética, afetiva e intelectual que vivenciei por causa deste livro nesta últimas semanas?' Geralmente, o momento das *Histórias de Convivência* está marcado por fortes emoções, sendo muito comum o choro de alguns participantes, seguidos, invariavelmente, por pedidos de desculpas (BITTAR, SOUZA, GALLIAN, 2013).

Havendo desenvolvido seu estudo sobre o Laboratório de Humanidades por meio de metodologias qualitativas semelhantes a que estamos utilizando nesse estudo (Observação Participante, Análise de Relatos dos Participantes e Narrativas oriundas de entrevistas de História Oral de Vida) e trabalhando com um universo de dezenas de participantes, o trabalho de Bittar e col. (2013) aponta, o "efetivo impacto humanizador" da experiência proporcionada pelo LabHum, entendendo a humanização na perspectiva antropológica da "ampliação da esfera do ser" (Bittar, Souza, Gallian, 2013, p.22).

Segundo os autores:

> Apresentando-se, portanto, como um espaço de encontro com as humanidades, como "recuperador" ou "fomentador" da leitura; como espaço de mergulho ou encontro com a própria interioridade, no âmbito afetivo e intelectivo; como espaço de encontro com o outro, na dimensão do aprendizado da escuta; como espaço de ampliação da esfera do ser e abertura para novas dimensões da realidade e,

> por fim, como espaço determinador de mudanças e transformações de ordem profissional e pessoal, o LabHum responde efetivamente às exigências de uma autêntica experiência humanizadora, dentro de um contexto acadêmico em Saúde (BITTAR, SOUZA, GALLIAN, 2013, p.23).

Como conclusão, o estudo aponta que o caminho delineado pelo LabHum pode perfeitamente servir como modelo e inspiração para outras iniciativas que, no âmbito das propostas das PNH, busquem fomentar a humanização em Saúde não somente pelo viés técnico do treinamento, mas pelo da experiência estético-reflexiva propiciada pelas humanidades.

Diante dessas colocações, impulsionada, por um lado, pela minha experiência pessoal e, por outro, pelos resultados e desafios apontados pelo estudo do Bittar e por outros estudos que estão também em desenvolvimento, decidi aplicar a experiência do LabHum em um ambiente extra-acadêmico, característico de minha atuação profissional (hospital privado), para verificar se tais efeitos humanizadores poderiam ser também observados.

2. METODOLOGIA

2.1. O “Experimento”: a realização do Laboratório de Humanidades no HCor

Segundo Bernardete Weber (2012, p. 46 e 47) o Hospital do Coração- HCor - iniciou suas atividades em 1976, tendo como objetivos “promover a recuperação da saúde com excelência e ética, atuar com pioneirismo em cardiologia, compartilhar recursos tecnológicos e conhecimentos com outras especialidades e associar ensino e pesquisa, reconhecendo a participação multiprofissional e multidisciplinar na assistência humanizada, visando à prevenção e ao bem-estar com qualidade de vida.”

O hospital é administrado pela Associação do Sanatório Sírio, fundada em 1918 por um grupo de senhoras árabes, com o objetivo de ajudar as crianças órfãs advindas da I Guerra Mundial.

O HCor é uma instituição de caráter privado, acreditada pela Joint Commission International em 2006 e reconhecido como Hospital de Excelência pelo Ministério da Saúde, contribuindo para a melhoria da saúde pública por meio de ações sociais. O hospital está localizado na zona sul da cidade de São Paulo e conta com 266 leitos. Suas instalações incluem pronto-socorro, centro cirúrgico, unidade de terapia intensiva adulta, pediátrica e neonatal, unidade coronariana, unidades de internação, hemoterapia, hospital dia e consultórios.

O hospital possui todos os serviços de apoio para alta complexidade, como laboratório clínico, serviço de imagem (tomografia,radiografia, ressonância magnética, ecocardiografia, dentre outros), banco de sangue, bem como uma estrutura para pesquisa diagnóstica laboratorial e radiológica (WEBER,2012).

O Hcor foi escolhido para este estudo em razão de sua missão e valores estarem alinhados com o que acreditamos como profissionais da área da saúde e pelo excelente trabalho desenvolvido pela Superintendente da Filantropia – Dra. Bernardete Weber- que desenvolve projetos sobre o cuidado com o paciente. Foi também, das instituições que procuramos para desenvolver a experiência, aquela que mostrou mais interesse e se colocou à disposição para este trabalho.

Figura 1 - O Hospital Hcor

Missão Promover com excelência e ética a recuperação da saúde, atuando com pioneirismo em cardiologia, compartilhando recursos tecnológicos e conhecimentos com outras especialidades; associando ensino e pesquisa clínica, valorizando a participação multiprofissional e multidisciplinar na assistência humanizada, visando a prevenção e o bem- estar com qualidade de vida.
Visão Manter e ampliar o nível da instituição e o reconhecimento nacional e internacional, identificando, atraindo e retendo profissionais com potencial técnico, científico e social.
Valores Valorização da vida Responsabilidade social e ambiental Qualidade Ensino e pesquisa Ética Humanização Pioneirismo tecnológico Valorização e integração profissional

No HCor, o Laboratório de Humanidades foi organizado em um ciclo de quatro encontros semanais, com a duração de 90 minutos e conduzido pelo Professor Dr. Dante Marcello Claramonte Gallian.

Inicialmente foi realizada uma palestra onde estiveram presentes cerca de 30 colaboradores de várias áreas do hospital, que aceitaram o convite ofertado pela Superintendente do Hospital Hcor, para este evento. Estes colaboradores são profissionais de saúde, líderes do cuidado de pacientes, que participaram no ano anterior de oficinas com o tema: cuidado integrado. A palestra foi conduzida pelo coordenador, explicando os objetivos e a metodologia do Laboratório de Humanidades. Após a palestra, os colaboradores realizavam sua inscrição para participar do ciclo e faziam sua adesão ao programa, recebendo esclarecimentos sobre o cronograma, com datas e horários dos encontros. Determinou-se um número limite de 25 pessoas, a fim de respeitar a dinâmica própria do LabHum.

O livro escolhido foi "*Vá Aonde o seu Coração Mandar,*" de Susana Tamaro (1995). A obra já trabalhada anteriormente no LabHum da EPM/UNIFESP, e que ainda que não possa ser considerado exatamente um clássico da literatura, demonstrou ser uma narrativa suficientemente forte para evocar questões antropológicas sérias e suscitar reflexões e discussões fecundas e profundas.[2]

O grupo foi composto por colaboradores do hospital das áreas assistencial e administrativa, como verificamos no quadro a seguir:

[2] *Vá Aonde seu Coração Mandar* é um romance epistolar. Compõe-se de cartas que uma avó escreve para sua neta, filha única de sua filha única que morreu num acidente quando aquela ainda era pequena. A neta, ao chegar à juventude, movida pela rebeldia e pelo espírito de aventura, resolve partir deixando a velha avó, que a criara, sozinha numa velha casa nos arredores de Trieste, nordeste da Itália. Procurando driblar a solidão e ao mesmo tempo aquietar a alma, a avó, Olga, começa a escrever cartas dirigidas à neta que, no entanto, nunca são enviadas. Começando por descrever nelas seu cotidiano, sua saúde, o estado da casa e do cãozinho que a netahavia deixado, aos poucos as cartas vão se tornando um depositório de reflexões e confissões existenciais, transformando-se numa espécie de autobiografia e de história da família, onde Olga vai procurar resgatar e se reconciliar com o passado, buscando também encontrar uma explicação para o impasse criado entre a neta e ela.

Dados dos colaboradores da pesquisa[3]

Nome	**Sexo**	**Formação**	**Área de Atuação**
Antonia	Feminino	Administração de Empresas com ênfase em Marketing	Marketing
Carla	Feminino	Enfermagem	Qualidade
Cátia	Feminino	Psicologia	Recursos Humanos
Celina	Feminino	Ensino Médio	Gerência Assistencial de Enfermagem
Daniela	Feminino	Psicologia	Recursos Humanos
Eva	Feminino	Psicologia	Serviços de Psicologia
Fabiana	Feminino	Enfermagem	U.T.I. Pediatrica
Gilda	Feminino	Nutrição	Coordenação de Promoção à Saúde
Ivete	Feminino	Publicidade, Propaganda e Criação	Marketing
Janice	Feminino	Enfermagem	Assistencial
João	Masculino	Enfermagem	U.T.I
Lais	Feminino	Enfermagem	Centro Cirúrgico
Lena	Feminino	Enfermagem	Qualidade

[3] Para preservar o anonimato dos participantes desta pesquisa foram adotados pseudônimos e foram relacionados aqueles que participaram de mais de 2 encontros.

Marta	Feminino	Enfermagem	Qualidade
Milena	Feminino	Magistério e Secretariado	Gerência Assistencial de Enfermagem
Mirna	Feminino	Fisioterapia	Reabilitação
Monica	Feminino	Enfermagem	Nutrição
Nanci	Feminino	Nutrição	Coordenação de Promoção à Saúde
Nara	Feminino	Enfermagem	Educação Continuada
Patrícia	Feminino	Administração de Empresas	Qualidade
Renata	Feminino	Psicologia	Serviços de Psicologia
Samanta	Feminino	Psicologia	Recursos Humanos
Vânia	Feminino	Psicologia	Recursos Humanos
Vera	Feminino	Enfermagem	Assistencial

A partir da Palestra sobre o LabHum, houve um intervalo de duas semanas para que os participantes pudessem ler o livro definido. Para os encontros foi determinada uma sala com cadeiras móveis que puderam ser dispostas em círculo.

A pesquisadora participou de todos os encontros, atuando como observadora participante, abordagem a ser comentada mais adiante.

Além do encontro inicial, no qual foram narradas as “histórias de leitura”, o ciclo contou com dois encontros intermediários onde foi desenvolvido o “itinerário de

discussão” e mais um encontro final, a fim de que os participantes apresentassem suas histórias de convivência.

Ao término do trabalho, todos os participantes foram convidados a redigirem seus relatos sobre a experiência e, mais adiante, alguns deles foram entrevistados através da abordagem da História Oral de Vida. Do conjunto dessas diversas abordagens, (caderno de campo, relatórios dos participantes e narrativas de história de vida) emergiu um conjunto muito rico e denso de informações que serviu de base para a análise e interpretação do experimento, a partir dos referenciais teóricos já estabelecidos.

2.2. Metodologia do Estudo

Partindo dos referenciais teóricos, considerando as perguntas pertinentes à humanização em ambiente hospitalar e considerando a especificidade de nosso experimento, ponderamos a necessidade de buscar metodologias que possibilitassem aceder não tanto à dimensão do factual e quantificável, mas do subjetivo e experiencial (Gallian, 2008). Logo, optamos pela complementaridade obtida da união de três metodologias de pesquisa qualitativa que se adequavam para nosso objetivo: a Observação Participante, a Análise Documental e a História Oral de Vida.

A Observação Participante, tal como vem sendo trabalhada no âmbito da pesquisa qualitativa (Bogdan, Biklen, 1994), na qual a relação entre pesquisador e objeto se estabelece não a partir do princípio da neutralidade, mas sim a partir da noção de “explicitação da subjetividade como fundamento da objetividade” (Geertz, 2002, p. 21), apresentou-se como uma abordagem adequada para descrever e compreender nosso objeto como experiência. O emprego de seus referenciais e da perspectiva etnográfica delineada por Geertz (2002), por conseguinte, permitiram registrar e descrever o acontecimento LabHum em sua dinâmica, identificando seus diversos momentos para observar a forma e a extensão do envolvimento de seus participantes nas diferentes fases acima delimitadas.

Além deste método, visando também avaliar o impacto desta experiência pioneira sob uma perspectiva mais individual, subjetiva e amplificada no tempo

(Ousanger, Johannessen, 2010), as abordagens da análise dos relatos e da História Oral de Vida, tal como proposta por Holanda e Bom-Meihy (2007), apresentou-se extremamente pertinente. Este enfoque possibilitou, por sua vez, uma análise aprofundada das narrativas dos colaboradores, ilustrando a importância desta experiência no contexto das vivências profissionais e pessoais, tendo em vista a forma pela qual se opera o processo de humanização e desumanização no âmbito das Ciências da Saúde.

Dos 25 participantes, quatro colaboradores foram selecionados para serem entrevistados, conforme os seguintes critérios: a) ter participado de todas as reuniões; b) ter demonstrado especial interesse pela atividade, manifestando-se em seu relato; e c) aceitar o convite para conceder a entrevista, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

As entrevistas livres e semiestruturadas, conforme preconizado por Bom-Meihy (2005), consistiram em explicitar os objetivos do projeto e, após o aceite do colaborador, pedir que este contasse a própria trajetória de vida, focando no âmbito da sua formação acadêmica e profissional. Ao longo da entrevista, oportunamente, “perguntas de corte” foram realizadas: de que forma a sua participação no LabHum o impactou? Como esta experiência afetou sua prática profissional?

Uma vez gravadas digitalmente, as entrevistas foram transcritas literalmente e, transcriadas (Bom-Meihy, 2005), ou seja, adaptadas para a linguagem escrita. Este processo de correção e reorganização do texto visou “transpor” o “acontecimento entrevista em um relato literário, fiel ao mesmo tempo à fala do narrador e aos cânones fundamentais do código escrito” (Gallian, 2008, p. 25). Em seguida, tais versões transcriadas foram devolvidas aos colaboradores, para revisão, correção e aprovação.

Por fim, tomando como referencial a abordagem de interpretação denominada imersão e cristalização, tal como sugerida por Miller e Crabtree, (DENZIN, LINCOLN, 1994), empregamos a Análise Documental dos diversos registros.

Cabe ainda esclarecer que, durante esta etapa de análise documental, o processo de imersão e cristalização das categorias temáticas consistiu na leitura atenta e confronto exaustivo de todos os dados ou elementos que emergiram das

fontes documentais supracitadas, em associações combinatórias e repetitivas (DENZIN, LINCOLN, 1994). Esta metodologia, aliada ao processo de obtenção das narrativas dos colaboradores, garantiram a validade das entrevistas/pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. Descrevendo a Experiência e Delineando Categorias

De acordo com os objetivos desta pesquisa que teve como eixo investigar o impacto que a experiência no Laboratório de Humanidades no HCor provocou em seus participantes, inicialmente analisamos a forma como as pessoas participaram deste evento. Percebemos que os encontros suscitaram reflexões sobre a forma como nos comunicamos com as pessoas, questões de relacionamento como tolerância, responsabilidade, liberdade, empatia e as relações contínuas com o outro.[4] Há interação, receptividade e na medida em que as pessoas vão proferindo comentários, falam sobre suas histórias de vida, experiências passadas. Inclusive, alguns participantes se emocionaram diante das colocações dos colegas e fizeram comparações com o seu dia a dia, tanto no aspecto profissional quanto no pessoal. Constatamos que as pessoas estão angustiadas, necessitando de um espaço no qual elas possam melhor expressar ideias e sentimentos.

> O trabalhador em saúde lida com o limite humano, com nossa impotência, com a evidência de que não somos deuses: "lidamos com a morte, a doença e a dor. Trabalhamos em ambientes perigosos (germes, fracassos, competição, etc.) e precisamos de apoio, de formação continuada, de estar sempre em análise, além de carreiras e salários" CAMPOS[5] (2007 apud MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2010, p.144).

Percebemos que, quando as pessoas falam sobre sua experiência da leitura, imediatamente e quase que inconscientemente fazem relação com sua vida e começam a falar sobre suas vivências. O primeiro encontro foi muito impactante, alguns participantes relataram suas histórias de vida, houve comoção geral , as pessoas se emocionaram e alguns choraram. A exposição da vida desses participantes foi fator de criação de vínculos - de humanização. É nítido o quanto as emoções destes profissionais estão represadas, o que no dia a dia pode ser um

---

[4] Para uma visão mais detalhada e descritiva das discussões assim como das reflexões coletivas e individuais suscitadas pela experiência do LabHum no HCor, remeto à reprodução do Caderno de Campo, dos Relatórios Individuais e às Transcriações das Entrevistas, que compõem a parte complementar desta dissertação, dispostos nos anexos.

[5] MINISTÉRIO DA SAÚDE;INCA;SOCIEDADE BENEFICENTE ISRAELITA ALBERT EINSTEIN. Comunicação de Notícias Difíceis: compartilhando desafios na atenção à saúde:INCA, 2010

dificultador para que estes profissionais possam lidar com os pacientes. Essa situação gerou um questionamento por parte do observador participante: como cuidar do outro , quando necessitamos de alguém para cuidar de nós.

Segundo Pessini & Bertachini (2011):

> O profissional deverá também estar habilitado a lidar com emoções, suas e daqueles com que terá que conviver ao longo de sua lida profissional... Que também se perceba desempenhando papel importante em experiências humanas; que tenha consciência de que suas experiências existenciais também são significativas e que sua experiência profissional é algo especial (PESSINI & BERTACHINI, 2011, p.319).

De forma geral, os participantes demonstraram satisfação em tomar parte dos encontros, o ambiente foi agradável e prevaleceu um clima de harmonia, de tranquilidade. As pessoas sentiam-se acolhidas e acolheram seus colegas. Muitos manifestaram em seus relatos e entrevistas a questão do respeito às suas individualidades, expondo-se sem censuras. Este ambiente (pudemos constatar, enquanto observador participante) facilitou a integração com as pessoas, abrindo espaço para que os participantes fizessem suas colocações e expressassem suas emoções. Alguns participantes, entretanto, tiveram uma postura mais introspectiva, permanecendo na maioria do tempo como ouvinte.

Verificamos que a experiência do LabHum interpelou os participantes nas seguintes esferas:

- **Afetiva:** a experiência tocou os participantes, permitiu que a emoção viesse à tona. Houve compartilhamento e troca constante durante os encontros.

- **Cognitiva:** enriquecimento intelectual à medida que vão sendo discutidas questões da vida, do ser humano, possibilitando o desenvolvimento da autocrítica, da capacidade de comunicação verbal e argumentação.

- **Volitiva:** predisposição de cada um para repensar suas atitudes e comportamentos no dia a dia, tanto no aspecto pessoal, quanto no profissional e a partir disto promover mudanças e novas formas de agir.

A partir da análise das fontes documentais foram determinadas categorias temáticas que nos permitiram entender de que forma esta experiência impactou nos participantes. Em concordância com a pesquisa de Bittar (2011), *A Experiência Estética da Literatura como Meio de Humanização em Saúde: O Laboratório de Humanidades da EPM/UNIFESP*, constatamos também que o impacto desta experiência acontece de forma muito individualizada, em situações e momentos diferentes**,** apresentando-se inicialmente como espaço de bem-estar (qualidade de vida), maneira de sair da rotina, espaço onde a experiência da leitura é catalisadora de emoções e sentimentos. Percebemos que a experiência do LabHum favorece a reflexão, o encontro com o outro, o repensar de atitudes e comportamentos, e o desenvolvimento humano de forma abrangente, tanto no seu aspecto comportamental quanto intelectual .

Estas categorias temáticas possibilitaram compreender de que maneira o LabHum atua como catalisador de formação humana e humanização na prática profissional.

3.2. Analisando as Categorias Temáticas

3.2.1. LabHum: Espaço de Quebra de Rotina e Descoberta da Leitura

No trabalho de análise dos diversos registros produzidos a partir do "experimento" no HCor, conseguimos perceber por parte dos participantes que o LabHum tornou-se um espaço de quebra da rotina, de distanciamento das preocupações diárias, possibilitando entrar em contato com outras questões, a partir de um "história ou vivências diferentes", o que foi considerado por muitos como um elemento muito positivo.

> O LabHum proporcionou uma sustentação, fôlego, através de um distanciar da rotina. (Vera, Caderno de Campo).
>
> O laboratório foi para mim um gostoso momento de relaxamento, um forma de "sair" sem na verdade sair do hospital. (Fabiana, Caderno de Campo)

Para Bondia (2002**),** a possibilidade de que algo de humanizador nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm:

> [...] requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (BONDIA, 2002, P.24).

As palavras de Bondia retratam a *experiência* proporcionada pelo LabHum a uma boa parte de seus participantes. A proposição de uma atividade que exige a dedicação à leitura de um livro não técnico, que não apresenta uma "utilidade imediata", ainda que pareça "meio estranha" a princípio, acaba, logo em seguida, por ser interpretada como algo interessante, prazeroso.

> Eu sou o tipo de pessoa prática que não gosta muito desse tipo de reflexão, porém neste Laboratório, dentro da instituição que trabalhamos, foi agradável de participar, sem imposições, tudo muito a vontade. (Beatriz, Relatório de História de Convivência)
>
> Para mim foi enriquecedor; escutar histórias é sempre enriquecedor (Renata, Entrevista).

A oportunidade de se trabalhar com um livro não técnico e que não tinha nenhuma ligação direta com o tema da saúde foi também algo muito presente nos registros e permitiu perceber como o LabHum possibilitou o fortalecimento ou resgate do hábito da leitura de livros de ficção.

> Foi uma experiência bastante interessante, eu realmente gostei muito de ter participado. Eu tenho por hábito ler continuamente, termino um livro e começo outro. Há alguns anos adotei uma rotina de ler 90% de literatura ibero americana em espanhol em virtude da minha paixão pelo idioma. O que acabo lendo em literatura nacional ou traduzida são livros de gestão. Creio que isso é algo muito comum; as pessoas da área de saúde, de um modo geral, leem muito pouco romance e acabam lendo apenas coisas técnicas. (Nanci, Relatório de Histórias de Convivência).
>
> Nós estamos acostumados a ler, mas, dificilmente vamos ler um livro desta qualidade. Quando leio eu tento me colocar na situação, imaginar o que está acontecendo e entro no mundo deste livro. No dia a dia, todos nos temos um pouco disto e temos que aprender a resgatar isto...(Caderno de Campo[6]).
>
> Quis participar, pois gosto de literatura e quase não leio... Através de uma história vemos tanta coisa (Caderno de Campo).

[6] Em algumas ocasiões da observação participante não foi possível identificar a pessoa que fez a citação. Neste caso, utilizamos somente Caderno de Campo.

Arrussul & Medeiros (2012) afirmam que a leitura provoca bem-estar para quem a utiliza. Mergulhamos em um mundo diferente e totalmente novo, assim criamos um desligamento dos problemas, das angústias, das incertezas, dos medos, da solidão, proporcionando um alívio das tensões emocionais, contribuindo também para o bem-estar mental. Esse bem-estar que a leitura proporciona, auxilia no aprendizado, gerando força para ultrapassar as barreiras, as dificuldades diárias. Tal opinião parece corresponder às manifestações dos participantes do HCor. Ao comentar essa oportunidade de realizar essa experiência de leitura e seu compartilhamento no espaço de trabalho, uma participante afirmou:

> Eu achei o laboratório de Humanidades incrível, nunca tinha passado por esta experiência. Infelizmente foram só quatro encontros; eu achei que foi tão pouquinho. Como já temos um dia a dia muito atribulado, a gente vai deixando a parte da leitura para segundo plano e o fato de ter que ler e compartilhar foi algo muito bom. Voltou para mim aquele interesse na leitura; me despertou aquela vontade, aquela necessidade...(Milena, Entrevista).

E uma outra participante, reverberando as falas já descritas acima, pontuou:

> Isto faz a leitura ser algo tão mágico, esta possibilidade de imaginação constante de como são as pessoas; fatos e lugares descritos. Acho que as pessoas da área de saúde, de modo geral, leem muito pouco romance e acabam lendo apenas coisas técnicas.(Nanci, Relato de Histórias de Convivência).

Segundo Godoi:

> Os profissionais que atuam no contato direto com o cliente em hospitais devem receber um suporte constante na forma de cursos, suporte psicológico e atividades antiestresse. São esses profissionais que estão mais sujeitos às variações de humor e temperamento de clientes instáveis e também aqueles que compensarão falhas na estrutura, se houver, é o atendimento humano que faz a diferença, e ele merece investimentos, assim como ocorre com a tecnologia. (GODOI, 2008, p.67)

De acordo com os relatos que coletamos, o LabHum no HCor parece ter funcionado como um recurso importante nesta perspectiva antiestresse, que abre para uma atividade diversificada, para um universo novo em contrastante com o protocolar da rotina profissional.

3.2.2. LabHum: Espaço de Encontro com Afetos e Sentimentos

Segundo Gallian (2002), todo movimento reflexivo que redunda na humanização deve partir de uma experiência estética mobilizadora, que toca primeiramente os sentimentos e afetos e que no processo de se organizar racionalmente procura a “palavra certa”. E como nos ensina Compagnon (2009), “a literatura nos mobiliza, nos provoca e nos dá as palavras”. Porém esse não é um processo fácil.

Como bem pudemos constatar na experiência laboratorial do HCor, o “acontecimento interpelativo” desencadeado pela leitura se, por um lado, apresentou-se como um caminho de “variação da rotina”, de “descanso”, de “antiestresse”, por outro, mostrou-se como um provocador de afetos, sentimentos e de “conteúdos internos” não tão fáceis ou agradáveis de lidar.

> Não foi uma leitura fácil para mim, pois me fez deparar com questões muitas vezes suplantadas em minha mente”. (Camila, Caderno de Campo).
>
> Com a leitura desse livro é possível sentir os mais diferentes tipos de sentimento. No começo você se sente entediado, logo após algumas páginas uma sensação de tristeza e melancolia já começa a ser nossa companheira de leitura. (Antonia, Relatório de Histórias de Convivência).

Este “efeito mobilizador” dos afetos, característica intrínseca da leitura dos clássicos (Compagnon, 2009) encontra, na experiência do Laboratório de Humanidades, um espaço de amplificação e potencialização (Bittar, Souza e Gallian, 2013), apresentando-se, portanto, como uma oportunidade muitas vezes rara de autoconhecimento e de abordagem desses conteúdos afetivos no contexto da vida profissional.

O experimento laboratorial realizado no HCor possibilitou verificar de forma muito efetiva esta dinâmica. Como já descrevemos, logo no primeiro encontro, no compartilhamento das Histórias de Leitura, o tom dominante foi, sem dúvida, o emocional e, como destacaram muitos participantes, a experiência foi algo muito revelador. Entretanto, também foi notado que, apesar do clima emotivo, catártico, que se configurou no início da atividade, o processo desenvolvido pela metodologia do Laboratório evitou que todo esse conteúdo afetivo e emocional se esgotasse em

si mesmo. Longe de simplesmente provocar e abrir espaço para “expressar emoções”, o LabHum apresentou-se como convite a “lidar” a “refletir” sobre essas mesmas emoções, suscitando um processo de inda e vinda entre a história do livro e as histórias pessoais dos participantes, entre sentimentos das personagens e sentimentos dos participantes que acabaram por delinear uma trajetória muito valorosa de análise e entendimento da experiência.

> E se começamos a olhar para dentro do nosso próprio porão, perceberemos que já fomos a filha, a neta ou a própria Olga em alguma situação. (Antonia, Relatório de História de Convivência).

Cabe ressaltar, entretanto, que independentemente dos desdobramentos de caráter mais reflexivos e intelectivos que a dinâmica do LabHum proporciona, o simples suscitar de afetos e sentimentos por meio da proposição de uma obra literária e o oferecimento de uma oportunidade de expressá-los de forma livre, subjetiva e acolhedora em um espaço propício dentro do ambiente de trabalho, apresenta-se por si só como uma “experiência única”, “terapêutica” e “humanizadora”. E nesse sentido, foi possível verificar em que medida os profissionais que trabalham na área da saúde estão, muitas vezes, carentes de um espaço para se posicionar, para expor suas emoções e sentimentos. Como bem expressou uma participante em um dos encontros: “É libertador poder falar” (Caderno de Campo).

3.2.3. LabHum: Espaço de Reflexão e Encontro Consigo Mesmo

Para além de um espaço de promoção e expressão de afetos e emoções, de indiscutível importância no escopo de um processo de autêntica humanização (GALLIAN, PONDE E RUIZ, 2012), os participantes do LabHum HCor, de maneira quase unânime, apontaram, como elemento extremamente importante, a dinâmica reflexiva que tal experiência proporciona.

> Quando nos permitimos parar por alguns instantes e mergulhar numa história que por vezes parece uma ficção, nos damos uma chance de brecar o piloto automático acionado em nossas vidas, e novamente nos transportar para o centro de nossas almas, respirar profundamente e refletir sobre nossos atos, sobre os rumos que estamos tomando e, por vezes, somos capazes de novamente retornar a rédea de nossas vidas”. (Gilda, Relatório de História de Convivência)

O despertar de sentimentos, de afetos, de idéias e situações provocadas pela leitura do romance, parece lançar, inevitavelmente, o leitor para o universo de suas próprias vivências, memórias, situações, sentimentos, gerando assim um movimento reflexivo, de mergulho dentro de si.

> Toda essa reflexão me fez voltar a situações que vivi, que vivo e que de uma maneira ou outra é uma realidade da minha vida e com certeza na vida de muitos. (Milena, Relatório de História de Convivência).

> Ler é desenvolver o imaginário, você vai lendo e criando na sua mente, vai colocando ali os personagens, vai entrando na história, vai se perguntando, vai se questionando, porque tem sempre um ponto da história em que você vai ser referência, pois, vai de encontro ao que você viveu e vive e vai se identificando com alguma coisa. (Milena, Entrevista).

Esse movimento, iniciado na experiência solitária da leitura individual, parece ganhar força e amplitude nos momentos de encontro e discussão do Laboratório. Nestes momentos, ao formular e expressar as reflexões suscitadas individualmente, o processo reflexivo evolui, possibilitando o autoconhecimento, conforme relata a participante Renata em sua entrevista: “Eu gostei tanto do livro quanto do Laboratório por causa disso: eu me vi um pouco ali.”

E a experiência reflexiva – ver a si mesmo, encontrar-se consigo mesmo apresenta-se, como já vimos acima, para os próprios participantes, como um verdadeiro contraponto da dinâmica de “piloto automático” a que muitas vezes o profissional da saúde em ambiente hospitalar está submetido, possibilitando assim “respirar profundamente e refletir sobre nossos atos, sobre os rumos que estamos tomando”. (Caderno de Campo)

> Mesmo as histórias não sendo iguais, elas tem o poder de despertar no homem questões profundas de ética, moral, comportamentais, sentimentos, enfim, nos leva a refletir quem realmente somos, o que estamos fazendo de nossos destinos, qual o sentido da vida, de tudo que estamos vivendo. (Gilda, Relatório de Histórias de Convivência).

Desencadeando, através da experiência estética que mobiliza os afetos, o movimento da reflexão, o mergulho em si mesmo, o Laboratório de Humanidades propicia a dinâmica do autoconhecimento, processo este que permite, por fim,

avaliar e rever comportamentos seja em relação a si, seja em relação ao outro, como apresentaremos a seguir.

3.2.4. LabHum : Espaço de Reflexão e Encontro com o Outro

Em sua dimensão reflexiva, o Laboratório de Humanidades realizado no HCor funcionou não apenas como experiência de encontro dos participantes consigo mesmos (ou seja, como experiência da autoconhecimento), mas também, como consequência natural, como experiência de encontro com o outro.

> Na minha opinião o LabHum é uma grande oportunidade para 'reflexões' individuais sobre as formas como nos relacionamos, convivemos, comunicamos, enfim, seus impactos no outro (Caderno de Campo).
>
> O LabHum é um momento para repensar nossas atitudes em relação as pessoas que convivemos (Caderno de Campo).
>
> Como os nossos relacionamentos impactam na vida do outro (Vânia, Caderno de Campo).
>
> Eu percebi que posso participar de grupos e dar minha opinião, além de ter a oportunidade de falar sem ser obrigada (Lena, Entrevista).

Segundo Compagnon (2009, p.27), "o exercício jamais fechado da leitura continua sendo o lugar por excelência do aprendizado de si e do outro, descoberta não de uma personalidade fixa, mas de uma identidade obstinadamente em devenir".

Boa parte dos participantes pesquisados relataram que a participação no LabHum proporcionou uma maior integração com os colegas de trabalho, permitindo o compartilhamento de histórias de vida e experiências, desenvolvendo empatia entre os participantes a criação e o fortalecimento de vínculos:

> O LabHum possibilitou conhecer fatos privados e muitas vezes surpreendentes da vida de pessoas que estão próximas a nós diariamente. Alguns depoimentos foram emocionantes. Isso pode aproximar pessoas, o que de outra forma não ocorreria (Nanci, Relatório de História de Convivência).

A identificação da experiência do LabHum como meio de humanização, possibilitando a criação de vínculos e melhoria das relações aparece na fala de

Vera, na qual fica evidente como esta experiência possibilitou às pessoas a se verem de uma forma diferente:

> Eu e Nanci, a gente pouco se conhecia, a não ser aparentemente. Eu sempre a achei séria, sisuda. Nós fomos para um encontro, a Nanci, eu, a Samira. e as psicólogas... Logo cedo nós iamos entrar no táxi e a Nanci olhou para o céu e disse: “nossa que dia lindo”! Eu falei – Meu Deus, ela também acha o dia lindo. Aquilo para mim foi tão bom e eu comecei a conversar com ela. Eu não imaginava que ela achava o dia lindo. E isso aconteceu depois que começamos a compartilhar nossas leituras no Laboratório de Humanidades. (Vera, Caderno de Campo)

Constatamos a partir desta fala que a participação no Laboratório de Humanidades contribuiu para este acontecimento e para a “derrubada de barreiras” nas relações entre as duas colegas. Este compartilhamento provocou estreitamento de laços, melhoria do trabalho em equipe e na melhoria dos serviços prestados ao paciente.

Como afirmava um participante no último encontro do LabHum-HCor:

> A experiência do LabHum impacta no relacionamento; é uma oportunidade de conhecer o outro, de saber que existe um ser por trás do corpo. (Caderno de Campo).

Já a própria Nanci, identificada na fala de Vera, como vimos acima, também aponta essa mesma virtude do Laboratório:

> Experiência interessante e bacana. A ficção mexe com a vida de cada um, provoca conhecimento e integração com o outro (Nanci, caderno de Campo).

E Fabiana, reforçando a mesma ideia, expressava em uma das reuniões:

> O LabHum é uma oportunidade de enxergar as pessoas que estão próximas(Fabiana, Caderno de Campo).

Para Compagnon (2009), é a partir da literatura, especialmente, que a experiência dos outros é transmitida e preservada, sensibilizando-nos para a diversidade e tornando-nos mais abertos para entender o outro.

Assim como pudemos constatar ao abordar a temática da reflexão e do autoconhecimento, também a dinâmica do Laboratório de Humanidades pareceu amplificar e aprofundar este movimento que é próprio da literatura. O compartilhamento da leitura e as discussões no âmbito do Laboratório propiciou o catalisar e o desenvolver uma virtude que talvez a simples experiência da leitura individual não possibilitaria alcançar:

> Após a minha participação senti que algo mudou, acrescentou algo mais... Tem a ver com entender o lado mais humano, entender o outro. Saber ouvir o outro, conhecer mais, gente que cuida de gente; é um olhar diferente para o paciente, entender aquela família, porque é tão arredia, tão difícil, e bom conhecer o colaborador, a equipe. (Vera, Entrevista).

> Os encontros foram importantes e muito bom, você acaba falando do que leu, interpretando , trocando informações e ao mesmo tempo você faz uma terapia em grupo. Vai expondo, colocando suas opiniões, suas vivencias, sua dor ou sua alegria (Milena, Entrevista).

3.2.5. LabHum: Espaço de Revisão de Atitudes e Comportamentos

Para além das dimensões afetiva e reflexiva (intelectual), pudemos constatar, através da abordagem metodológica escolhida neste estudo, que a experiência do Laboratório de Humanidades, apesar de pontual e de curta duração, acabou por repercutir no âmbito atitudinal de muitos participantes, ou seja, o LabHum determinou, em certos casos, mudanças de atitudes.

> O livro foi muito bom de ler e a experiência do Laboratório acredito que colaborou para repensarmos nossas atitudes no dia a dia em relação as pessoas com quem convivemos, o quanto somos francos com quem amamos e quanto nos permitimos dizer o que realmente sentimos. (Beatriz, Relatório de História de Convivência).

> O Laboratório possibilitou muitas reflexões a cerca de minhas atitudes, promoveu um exercício de auto-avaliação e autocrítica e isso não ocorreu de maneira simples, já que apontar os “defeitos” e os problemas do outro é tão mais fácil e natural do que aceitar nossas próprias fraquezas e características e comportamentos que precisam ser repensados... Independente das situações, sempre exercemos algum tipo de influência na vida do nosso próximo e algumas ocasiões somos referência de caráter, podendo ser um modelo a ser seguido ou recriminado. (Ivete, Relatório de Histórias de Convivência).

A percepção da necessidade de revisão de atitudes provocada pela experiência do Laboratório acabou, por sua vez, redundando, inclusive em mudanças no exercício das tarefas profissionais, como nos contava Milena no momento em que a entrevistamos:

> O LabHum me ajudou a colocar-me no lugar do outro, me posicionar, ver de forma diferente. Acrescentou ainda mais a tudo aquilo que eu já sabia, veio a confirmar e o que estava esquecido voltou à tona novamente.
>
> Não nos expressamos como deveríamos por ter medo de magoar. Estamos inseridos em um contexto que não nos permite agir. (João, Caderno de Campo)

Confirmando seu potencial humanizador em uma perspectiva holística, tal como pontua Compagnon ao apontar o papel formador da literatura, a experiência do Laboratório de Humanidades vivenciada no ambiente profissional afetou a vida como um todo, influenciando também na revisão de atitudes no âmbito pessoal, familiar.

> A partir desta experiência pude ver que temos um poder enorme em nossas mãos sobre os nossos filhos, pessoas que estão próximas e, que a maioria desconhece. Seja em um gesto, em uma palavra, uma atitude tudo isso pode mudar a conduta e a personalidade de uma pessoa pela vida inteira. (Milena, Relatório de História de Convivência)

Encontrar um espaço de “humanização” no ambiente profissional que parta somente de abordagens que proponham receitas de atitudes e comportamentos “adequados”, “humanizados” em uma perspectiva técnica de “competências”, mas também de um convite a uma experiência estética e reflexiva a partir da obra literária, em uma perspectiva de formação humanística, ainda que não compreendida por todos (como foi pontuado por alguns participantes) apresentou ao final uma acolhida extremamente positiva. Foram muitos os participantes que em suas falas destacaram, com agradecimento, o efeito transformador do Laboratório em suas vidas.

O resultado desse projeto indica pontos de reflexão muito importantes sobre o comportamento das próprias instituições em relação ao compromisso com a humanização de seus colaboradores, principalmente quando o fim destas

instituições é justamente o acolhimento e a promoção da saúde. Uma nova abordagem é apontada: a questão da sustentabilidade do ser humano nas corporações, clamando para a dimensão de uma responsabilidade que vai além do social e do ecológico.

A experiência do Laboratório de Humanidades parece sinalizar para a dimensão da formação humana ou humanística.

> A vivência da leitura dessa história e o compartilhamento desta vivência, misturado com o compartilhamento de outras tantas histórias, inclusive um pouco da minha, foi uma vivência extremamente rica e um mergulho profundo na alma humana (Gilda, Relatório de Histórias de Convivência).

3.3. Sintetizando e Sistematizando as Categorias: O LabHum como Experiência de Humanização.

Tomando como referência os pressupostos teóricos do projeto de pesquisa *As Patologias da Modernidade e os Remédios das Humanidades*, como explicitamos no início deste trabalho, partimos do pressuposto que a humanização não pode ser encarada somente como o aprendizado e domínio de certas competências que promovem a "humanização no atendimento". Neste sentido, coube-nos verificar em que medida uma atividade que parte da experiência estética com a literatura pode ser vista e proposta como um caminho de humanização no âmbito do contexto hospitalar.

Seguindo o caminho de pesquisa já traçado por Bittar (2011), pudemos ir delineando categorias que permitem efetivamente mostrar como o Laboratório de Humanidades não apenas no ambiente acadêmico, mas também no ambiente hospitalar pode apresentar-se como experiência humanizadora, entendendo humanização como "ampliação da esfera do ser" (Teixeira Coelho, 2001).

Tal como ocorreu na pesquisa pioneira de Bittar, pudemos verificar, em nossa análise sobre a experiência proporcionada pelo Laboratório de Humanidades, como a mobilização causada pela leitura de uma obra literária e a discussão em grupo favorecem os acontecimentos interpelativos e a sensibilização. E, da mesma forma, todo esse processo de "interpelação" na esfera dos sentimentos, dos afetos, que

desencadeia o movimento de reflexão crítica, acaba por desembocar na dimensão da vontade, que se concretiza em decisão, em ação. Neste sentido, observamos também a medida em que a experiência concreta do LabHum determinou mudanças de atitude em diversas dimensões.

Assim, as mudanças e transformações apontadas pelos relatos coletados parecem indicar que a experiência formativa no ambiente acadêmico, proporcionada pelo Laboratório de Humanidades, é similar a experiência realizada no Hospital Hcor, revelando um forte impacto humanizador em uma significativa parcela de seus colaboradores. Verificamos como tal atividade, a partir de uma abordagem particular da leitura e compartilhamento das obras clássicas da literatura universal, apresenta-se como oportunidade de ampliação da esfera do ser (Teixeira Coelho, 2001). Ampliação esta, que se identifica com o processo de humanização à medida que, como coloca Ayres (2005), apresenta-se como a construção de uma livre e inclusiva manifestação dos diversos sujeitos no contexto da organização das práticas de atenção à Saúde, promovida por interações sempre mais simétricas, que permitam uma compreensão mútua entre seus participantes e a construção consensual dos seus valores e verdades.

Constatamos também que o Laboratório de Humanidades apresenta limitações conforme relataram as participantes:

> O laboratório foi importante, mas só fazendo uma crítica acho que nem todo mundo estava preparado para aquele encontro, talvez como foi no hospital , em uma instituição, algumas pessoas foram por obrigação. Acho que foram no dever de prestigiar alguma coisa e eu acho que elas não estavam preparadas e algumas pessoas entraram no clima de encontro e outras não, e aquelas que não entraram atrapalham o andamento do grupo, porque fazer grupo é muito difícil ,as pessoas tem que entrar em sintonia (Fernanda, Entrevista).
>
> Senti também que algumas pessoas estavam lá, como numa terapia de grupo, o que em minha opinião não era o objetivo(Vânia, Relatório de História de Convivência).

Tais limitações, porém, se apresentam não tanto em função da eficácia da metodologia em si, mas em função da compreensão dos objetivos da atividade. A proposição de uma proposta de humanização que passe pela dimensão estética e não primariamente cognitiva pode parecer um tanto estranha e fora de propósito

dentro de um contexto onde as respostas às necessidades se resolvem, geralmente, em forma de “treinamento”.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

"A Arte não é a verdade. A Arte é uma mentira que nos ensina a compreender a verdade." (Pablo Picasso)

Este trabalho é uma experiência inovadora no ambiente hospitalar, alinhado com um dos princípios norteadores da Política Nacional de Humanização - o fortalecimento do trabalho em equipe multiprofissional, objetivando a transdisciplinaridade e a grupalidade e orientado por referenciais teóricos do Projeto "As Patologias da Modernidade e os Remédios das Humanidades: investigação e experimentação", que discute a temática da humanização em saúde e pretendeu compreender a dinâmica do LabHum em um ambiente extra-acadêmico como uma efetiva proposta de humanização em Saúde. O experimento foi realizado no Hospital do Coração – Hcor- com a participação de colaboradores das áreas assistencial e administrativa e para atingir os objetivos utilizamos como metodologia a observação participante , análise documental e história oral de vida.

Os resultados obtidos, de acordo com relatos dos participantes e observações em campo do pesquisador, foram de que a experiência do Laboratório de Humanidades caracterizou-se por um impacto humanizador, na perspectiva da humanização como ampliação da esfera do ser , impactando os participantes nas dimensões afetiva (expressão de emoções , sentimentos, compartilhamento e integração com outros participantes), cognitiva (enriquecimento intelectual, possibilitando o desenvolvimento e aprimoramento de competências relacionais) e volitiva (reflexão sobre atitudes e comportamentos , promovendo mudanças) e também como fator de melhoria de qualidade de vida, apresentando-se como um espaço de relaxamento e distanciamento das rotinas diárias, minimizando o estresse do colaborador.

Meu trabalho na área hospitalar, conforme relatado na introdução desta pesquisa, está diretamente voltado para capacitar as pessoas a lidar com pacientes e acompanhantes, portanto, "humanizar". Os resultados apontados neste trabalho respondem as minhas inquietações relacionadas à busca de novas metodologias para a humanização na área da saúde. Para desenvolver pessoas, utilizei de programas técnicos e comportamentais, entretanto um dos maiores dificuldades é a

questão comportamental, que não pode ser aprendida e sim vivenciada. Assim é necessário não só o desenvolvimento de habilidade e sim a mudança de atitudes; não basta o saber fazer é necessário o querer fazer.

Dessa forma, julgo que o Laboratório de Humanidades é uma atividade inovadora e diferenciada das práticas comuns na área de Desenvolvimento de Pessoas, pois permite que os participantes se envolvam e realizem um processo reflexivo que culmina na mudança de comportamento e atitude em sua vida profissional e pessoal. É uma atividade de formação do profissional que proporciona habilidades para lidar com as emoções, os sentimentos próprios e os sentimentos dos outros.

Como qualquer programa que realizamos objetivando o desenvolvimento de pessoas, encontramos limitações com relação à utilização da experiência do LabHum, como seguem: a) em relação às pessoas que não estavam abertas à experiência seja em função da participação por “obrigação” ou porque para a pessoa não era importante este tipo de atividade; b) aquelas que julgaram a experiência como uma terapia em grupo e,desta forma, fizeram uso deste espaço para buscar resolução para questões de sua vida pessoal; c) questões de organização do hospital, com relação ao horário, disponibilidade dos colaboradores para se ausentarem de suas atividades por um determinado período. Estas limitações, no entanto, podem ser superadas à medida que os participantes tenham mais clareza da metodologia e dos objetivos desta atividade, não tenham obrigatoriedade de participação, embora a própria continuidade dos encontros seja essencial, pois essa participação contínua tende a torná-la, cada vez mais, importante e profícua. É fundamental também que o hospital entenda a relevância desta atividade para o cumprimento de sua missão, no que se refere a sua responsabilidade pelo ser humano.

Concluindo, podemos sugerir que o LabHum venha a fazer parte de ações estratégicas dos hospitais para a Humanização e Melhoria de Qualidade de Vida dos colaboradores, espaço onde as pessoas possam se cuidar, se desenvolver tanto no aspecto pessoal quanto no profissional, resultando em um colaborador mais comprometido com o ser humano, mais preparado para cuidar do paciente de forma holística, com o respeito e a consideração necessários. Visto que as ações para

humanização no atendimento para serem efetivas, devem iniciar com um tratamento humanizado junto aos colaboradores, peças fundamentais para a busca da excelência na área da saúde. Portanto, este programa terá como beneficiários os colaboradores e o hospital que estará exercendo seu papel social de promover o bem-estar de seus funcionários e valorizando sua imagem perante a comunidade.

Terminamos este trabalho consciente de que vivenciar as humanidades é fator fundamental para que o homem realize o encontro consigo mesmo e com o outro – humanizando-se.

E seguindo a minha missão, focada no desenvolvimento de pessoas, pretendo continuar a pesquisar o Laboratório de Humanidades para atingir os objetivos em minha prática profissional, a fim de colaborar para um desafio maior: a humanização dos cuidados em saúde.

> Encontrar possibilidades de humanização do humano entre os humanos é uma andança cheia de aventuras, tropeços, idas e vindas, indignação, alegria, desalentos, êxitos, consolo, tensão, derrotas e incertezas. Supõe, por isso mesmo, um esforço infinito por energias sempre multiplicadas, esforço partilhado por outros numa comunhão em luta, sem fim (OLIVEIRA,1999 apud PESSINI & BERTACHINI, 2011,p.143).

REFERÊNCIAS

AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita. Hermenêutica e humanização das práticas de saúde. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, set. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v10n3/a13v10n3.pdf>. Acesso em 15 jan. 2013

ARRUSSUL & MEDEIROS. **O universo da leitura inserido no contexto da saúde mental: uma investigação institucional sobre as leituras em meio ao emocional e motivacional e suas influências psicológicas no corpo discente da universidade federal do pampa, campus são Gabriel. v(8), nº 8, p. 1787 – 1797, AGO, 2012.** Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-.2.2/index.php/remoa/index>. Acesso em janeiro de 2013.

BAUMAN, Zygmunt. Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. 189p. Rio de Janeiro: Zahar, 2004

BERRY, Leonard L.; SELTMAN, Kent D. **Lições de gestão da clínica mayo: por dentro de uma das mais admiradas organizações de serviços do mundo.** Porto Alegre: Bookman, 2010, 302p.

BARROS, Benevides R. & PASSOS, E. Humanização na saúde: um novo modismo?. Interface, 9(17): 389-394, 2005a. BITTAR,Yuri. **Um laboratório para a humanização em saúde: o laboratório de humanidades e a literatura como instrumento de humanização**. (Dissertação), São Paulo: UNIFESP, 2011_____; SOUZA, Maria Sharmila A.; GALLIAN, Dante M.C. A **Experiência Estética da Literatura como Meio de Humanização em Saúde: O Laboratório de Humanidades da EPM/UNIFESP,** São Paulo, 2013

BOGDAN, RCE e BIKLEN, SK. **Investigação Qualitativa em educação** – uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BOM MEIHY, José Carlos Sebe. **Manual de história oral**. 5ª ed., São Paulo, Loyola,2005.

BRASIL. Ministério da Saúde. Humaniza SUS: **Política Nacional de Humanização**. Brasília, Ministério da Saúde, 2003.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Política Nacional de Humanização. Formação e intervenção / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Política Nacional de Humanização. Brasília: Ministério da Saúde, 2010. 242 p.

CALVINO, Ítalo. Por que ler os clássicos. In: _____. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p.9-16.

COELHO, Teixeira. “A Cultura como Experiência”, in RIBEIRO, Renato Janine (org.) **Humanidades; um novo curso na USP**. São Paulo: Edusp, 2001.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para que?** Belo Horizonte **:**Editora UFMG , 2009.

COSTA, Wellington Soares. **Humanização, Relacionamento Interpessoal e Ética.** Caderno de Pesquisas em Administração, São Paulo, v. 11, nº 1, p. 17-21, janeiro/março 2004. Acesso em 20 de maio de 2012.DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **Handbook of qualitative research**. Londres: Sage, 1994.

FERRY, Luc. **Aprender a viver: filosofia para os novos tempos.** 302p. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007

GALLIAN, Dante Marcello Claramonte. **O que é o Laboratório de Humanidades: sua história, seu “funcionamento” e sua finalidade**. Blog do LabHum. 2009. Disponível em: <http://labhum.blogspot.com.br/2009/10/o-que-e-o-laboratorio-de-humanidades.html>. Acesso em 10 de abril de 2013.

_____ (org.). **75X75 EPM/Unifesp: uma história, 75 vidas.** São Paulo, Editora da Unifesp, 2008.

_____ et al. **As Patologias da Modernidade e os Remédios das Humanidades: investigação e experimentação** , Resumo de Projeto de Pesquisa Regular FAPESP, 2010. Disponível em: <http://www.bv.fapesp.br/pt/projetosregulares/27591/patologias-modernidade-remedios-humanidades-investigação/>. Acesso em 05 de janeiro de 2013.

_____; REGINATO, V. Relação assistencial e sua humanização. In: RAMOS, D.L.P. (Org.). **Bioética, Pessoa e Vida.** São Caetano do Sul. Difusão Editora, 2009, p.117-133.

_____**;** PONDÉ, Luiz Felipe; GONZALES, Rafael Ruiz. **Humanização, humanismos e humanidades: Problematizando conceitos e práticas no contexto da saúde no Brasil.** V1, Número 1, 2012, pág 5-14

GEERTZ, Clifford. **Obras e vidas**: o antropólogo como autor. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

GODOI, Adalto Felix. Hotelaria hospitalar e humanização no atendimento hospitalar. 2ª Ed. São Paulo: Icone, 2008, 156p.

HOLANDA, Fabíola; MEIHY, José Carlos Sebe. **História Oral: como fazer, como pensar**. Contexto, São Paulo, 2007.

LARROSA Bondia, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista. Brasileira de Educação**. Campinas: Autores Associados, nº 19. p. 20-28. Jan./Abr.2002.

LÓPEZ-QUINTÁS, Alfonso. **A Experiência Estética, Fonte Inesgotável de Formação Humana**. S/D. Disponível em: <http://www.hottopos.com/videtur19/quintassilvia.htm>. Acesso em 17 de dezembro de 2012.

NAKAMOTO, P. S. (2008): **A humanização no Pronto Socorro do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Botucatu sob a perspectiva dos profissionais de saúde**. Interface-Comunic., Saúde, Educ., v. 12, n. 26: 684-685.

MEDEIROS, Walter. **Humanização nos serviços de saúde**. Florianópolis: Minelli,2009,150p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Organizadora). **Pesquisa Social: teoria método e criatividade.** 29ªed. Rio de Janeiro:Vozes,2010,108p.

MINISTÉRIO DA SAÚDE; INCA;SOCIEDADE BENEFICENTE ISRAELITA ALBERT EINSTEIN. **Comunicação de Notícias Difíceis: compartilhando desafios na atenção à saúde.** Rio de Janeiro: INCA, 2010

MORIN, Edgar. A **cabeça bem-feita: repensar a reforma,reformar o pensamento**. 18ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. 128p.

MOSCOVICI, Fela. **Desenvolvimento interpessoal: treinamento em grupo.** 21ª Ed.Rio de Janeiro: José Olympio,2012.393p.

ORTEGA y GASSET, José. **A desumanização da arte**. Trad.: Ricardo Araújo. São Paulo: Cortez, 1999

OUSAGER, J. e JOHANNESSEN, H. **Humanities in Undergraduate Medical Education**: A Literature Review. In: Academic Medicine, Vol. 85, No. 6, Jun 2010.

PESSINI, Leo; BERTACHINI, Luciana (Orgs). **Humanização e cuidados paliativos.** São Paulo: Loyola, 2011, 344p.

RIOS, Isabel Cristina. **Os Caminhos da humanização em saúde: prática e reflexão**. São Paulo: Áurea, 2009.182p.

TAMARO, Susanna. **Vá aonde seu coração Mandar**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995. 136p.

TEIXEIRA COELHO, J. A Cultura como Experiência. In: RIBEIRO, R.J. (Org.). **Humanidades: um novo curso na USP**. São Paulo: Edusp, 2001. p.65-101.

WEBER, Bernardete. **Tradução, adaptação transcultural e validação do método intermed para a língua portuguesa: estudo em pacientes hospitalizados.** (Tese). São Paulo, USP, 2012.175p.

ANEXO 1

Caderno de Campo

Encontro 01

No primeiro encontro o coordenador fez uma breve retomada dos objetivos e metodologia do Laboratório de Humanidades. Após a realização da apresentação teve início as histórias de leitura. Os participantes foram convidados a fazer um relato da experiência de leitura: que sentimentos, afetos, lembranças emergiram desta leitura, o que o participante sentiu ao ler o livro. Este primeiro encontro desencadeou nos participantes reflexões sobre comunicação, expressão de nossos sentimentos – o quanto é difícil nos colocarmos, tolerância, melancolia e empatia.

> No começo eu fiquei muito triste... Mexeu muito com o meu emocional.
>
> Para mim foi muito melancólico, como o nosso relacionamento enquanto mãe, filha, impacta na vida do outro... Sem perceber estamos deixando de construir relações.

Percebemos que este encontro foi muito denso, ocorrendo um turbilhão de sentimentos. Os participantes relacionaram a história de leitura com o seu cotidiano, fazendo referências às suas histórias de vida. Houve um clima de abertura e receptividade, levando os participantes a falarem sobre situações que haviam ocorrido em suas vidas, que eram fatos desconhecidos pelos outros participantes. Neste encontro estiverem presentes 25 participantes.

> Lembro-me do meu cotidiano... Percebi que às vezes guardamos segredos em nossa vida. Na verdade passei um momento especial com o meu noivo e consegui contar a ele uma coisa que havia acontecido comigo. Eu falei e ele escutou. Quanta coisa guardamos na vida? Para que? É um peso que muitas vezes precisamos compartilhar... O livro trouxe a questão de que vamos carregando pesos que não precisamos. Carregamos coisas que devemos compartilhar e dividir com os outros. E o fato de não falar faz com que nos tornemos mais duro.
>
> Como os nossos relacionamentos impactam na vida do outro.

Encontro 2 e 3

No segundo e no terceiro encontro o coordenador da atividade fez uma retrospectiva da reunião anterior. E logo iniciaram as discussões sobre os personagens e questões trazidas pelos participantes. Surgiram temas que levaram os participantes a reflexões sobre si e sobre os outros.

Questões levantadas pelo grupo: cultura, valores, passividade, liberdade, coração, sinceridade, autoconhecimento, sentido da vida, coragem, empatia, discernimento.

Os participantes vão se colocando, falando de suas experiências e histórias de vida, proporcionando reflexões sobre o seu papel profissional e pessoal. Fazem questionamentos sobre o quanto temos que nos moldar para sobreviver e para nos adaptar aos padrões exigidos.

É libertador poder falar

Uma participante relatou que encontrou com uma das colegas que também estava participando do LabHum em um evento e que ela fez um comentário que a deixou muito feliz. Embora trabalhassem juntas, nunca foram muito próximas e o LabHum facilitou esta integração.

Observamos que na medida em que contam suas histórias e vão se revelando, as pessoas se emocionam , externalizando seus sentimentos.

Durante os encontros o ambiente é calmo, há acolhimento, as pessoas demonstram estar de bom humor e satisfeitas. Alguns participantes não se posicionam, ficam só ouvindo, ensimesmados.

Há integração, as pessoas se conhecem, fazem comentários e discutem sobre emoções

No segundo encontro estiveram presentes 11 participantes e no terceiro 17 participantes.

Encontro 4

No quarto encontro de acordo com a metodologia foi realizada a retrospectiva do encontro anterior e em razão de ser o último encontro, o coordenador solicitou que cada participante fizesse um balanço da experiência, o que agregou ter participado desta vivência.

> Para mim ficou a mensagem de que temos que enxergar as pessoas que estão próximas a nós.
>
> Olha eu achei a experiência ótima, onde a gente pode sentar, conversar sobre um livro... no fim gostei do livro e pude me identificar com a história. Foi uma história onde me identifiquei em alguns momentos com ela e em outros não... Eu acho que na parte profissional, vá até onde o seu coração mandar é a enfermagem, porque quem é enfermeiro tem que pensar no coração, porque se não vai matar alguém. É uma coisa que a gente faz com doação. Você trata com pessoas e se doa muito, não é uma profissão racional tem que ser de coração.

No final do encontro foi pedido pelo coordenador que os participantes entregassem por escrito um relatório pessoal. (história de convivência) sobre a experiência do LabHum.

Percebemos que durante os encontros há um clima de harmonia, de tranquilidade, as pessoas se respeitam em sua individualidade, cada um podendo ser como é, sem censuras. Há aqueles que sempre têm uma observação a fazer e aqueles que não se posicionam, ficam no papel de ouvintes.

No final deste último encontro o relato de uma participante justificando sua postura de somente ouvir, foi muito impactante. Ela disse que embora permanecesse a maior parte do tempo calada, aprendeu muito e os encontros foram de muita importância e que só naquele momento estava partilhando conosco a relevância de ter passado pelo LabHum.

Neste encontro estiveram presentes 17 participantes.

ANEXO 2

Relatório das Histórias de Convivência

Relatório 1 – Antonia

Com a leitura desse livro é possível sentir os mais diferentes tipos de sentimentos. No começo você se sente entediado, logo após algumas páginas, uma sensação de tristeza e melancolia já começa a ser nossa companheira de leitura. É aqui que você começa a achar que não está gostando do livro.

Mas de repente, carta após carta, através de descobertas e revelações da personagem principal é possível se sentir mais íntimo da história. O mais estranho é que essa intimidade nos dá uma sensação de distância dos fatos, e como espectadores(quase voyers) nos sentimos mais a vontade com a narrativa.

A maneira escolhida para a narrativa em formato de diário íntimo também nos permite sentir melhor as emoções da autora. A mistura do que aconteceu com o que está acontecendo, principalmente nas últimas cartas quando ela faz alusão da sua visita ao “porão”, é basicamente um convite da autora do livro para que todos visitem seus próprios porões.

Não me surpreendi com a história. Na verdade acho que há muitas Olgas, Ilarias, Ernestos e Augustos por ai. Se olharmos para os nossos entes queridos, que já estão um pouco mais velhos será possível perceber que inúmeras escolhas deles foram bem parecidas com as dos nossos personagens.

E se olharmos para dentro do nosso próprio porão, perceberemos que já fomos a filha, a neta, a própria Olga em alguma situação. Os tempos mudaram, e os problemas também. Entretanto, as pressões, as frustrações, as tristezas e as dores continuam.

Mas hoje, temos mais liberdade, mais informação, mais diálogo e muito mais direito de escolha. Por isso, é importante valer-se de todos esses direitos e aprender a respeitar a si mesmo e aos outros, indo a onde nosso coração mandar.

Enfim, termino a leitura desse livro no papel de neta da Olga. Lí e compreendi a minha história, agora sigo a construção do meu próprio diário, sem me dar ao luxo de cometer os mesmos erros, mas, me dando o luxo de cometer os meus próprios deslizes. Sigo então, o caminho do meu coração, sem a obrigação de ser feliz, mas com a obrigação de lutar pela minha felicidade sempre.

Relatório 2 - Ana

Como é importante a comunicação, muitas vezes deixamos de falar por receio de magoar as pessoas e perdemos uma preciosa oportunidade de inclusive estabelecer uma relação de confiança, lealdade, companheirismo e amizade.

Relatório 3 - Beatriz

O livro foi muito bom de ler e acredito que colaborou para repensarmos nossas atitudes no dia a dia em relação as pessoas com quem convivemos, o quanto somos francos com quem amamos e quanto nos permitimos dizer o que realmente sentimos.

Eu sou o tipo da pessoa prática que não gosta muito desse tipo de reflexão, porém, neste laboratório dentro da instituição que trabalhamos foi agradável de participar, sem imposições, tudo muito a vontade. Mas também acredito não ter uma receita própria para resolver as situações do dia da dia, temos que vivê-la com responsabilidade, sinceridade sem prejudicar o outro.

Todos nós temos nossos segredos guardados a sete chaves e são poucas as pessoas que podemos compartilhar.

Relatório 4 - Camila

O livro me fez refletir em relação a algumas posturas adotadas por mim com relação à forma de demonstrar meu amor pelas pessoas, às vezes a permissividade pode parecer falta de amor e o excesso de proteção pode parecer rejeição.

É difícil encontrar um ponto de equilíbrio de se demonstrar amor, carinho e cuidado.

Não foi uma leitura fácil para mim, pois me fez deparar com questões muitas vezes suplantadas em minha mente.

Relatório 5 - Daniela

O livro me ensinou que:

- Não temos que lamentar atitudes tomadas no passado, pois foram fruto do meio/momento/disponibilidade;
- Apesar de termos todos os meios possíveis, nossa comunicação continua cada vez mais deficiente;
- A vida de todos tem momentos bons e ruins e é responsabilidade de cada um valorizar uns aos outros;
- Escrever muitas vezes é o alívio necessário independentemente da leitura ou não do texto para quem foi escrito.

Relatório 6 - Fabiana

A mensagem que o livro me trouxe foi de que devemos sempre estar atentas as nossas necessidades como pessoa e saber identificá-las.

Que os relacionamentos familiares e com amigos são muito importante para nossa trajetória de vida e que devemos estar atentas as mensagens que eles nos passam para que no futuro não fiquemos sozinha, como ocorreu na história.

E que nunca é tarde para falarmos das nossas falhas, angustias e desagravos e vermos que é possível ser uma pessoa melhor...

O laboratório de Humanidades foi importante para mim por discutirmos os capítulos do livro voltados quase sempre para a realidade de vida das pessoas envolvidas e frases vão surgindo que também, nos reportam a experiências passadas ou presentes. E também por buscarmos entender o que a autora pensava

enquanto escrevia, com isto tivemos uma riqueza de informações e suposições. Muito bom participar do laboratório.

Relatório 7 - Gilda

A vivência da leitura dessa história e o compartilhamento desta vivência, misturada com o compartilhamento de outras tantas histórias, inclusive um pouco da minha, foi uma vivência extremamente rica e um mergulho profundo na alma humana.

Mesmo as histórias não sendo iguais, elas tem o poder de despertar no homem questões profundas de ética, moral, comportamentais, sentimentos, enfim, nos leva a refletir destinos, qual o sentido da vida, de tudo que estamos vivendo.

Será que estamos fazendo a vida valer a pena? Aproveitando cada instante para aprender e ensinar algo novo?

Quando nos permitimos parar por alguns instantes e mergulhar numa história que por vezes parece uma ficção, nos damos uma chance de brecar o piloto automático acionado em nossas vidas, e novamente nos transportar para o centro de nossas almas, respirar profundamente e refletir sobre nossos atos, sobre os rumos que estamos tomando e, por vezes, somos capazes de novamente retornar a rédea de nossas vidas.

Percebemos que a felicidade depende apenas de nós mesmos daquilo que fazemos ou deixamos de fazer na jornada da vida.

Relatório 8 - Ivete

O livro possibilitou muitas reflexões a cerca de minhas atitudes, promoveu um exercício de autoavaliação e autocrítica e isso não ocorreu de maneira simples, já que apontar os “defeitos” e os problemas do outro é tão fácil e natural do que aceitar nossas próprias fraquezas e características e comportamentos que precisam ser repensados.

A história de Susana Tamaro só reforçou o que eu já tinha por uma constatação todas as nossas ações e escolhas têm consequências e algumas delas nos causam dor, perdas e danos muitas vezes são irreversíveis.

Outro ponto que estimulou uma provocação nos meus pensamentos foi a questão do nosso papel multi-diversificado, ora somos pais, ora somos filhos, ora somos avós, amigos, colegas de trabalho, cidadão enfim, independente das situações, sempre exercemos algum tipo de influência na vida do nosso próximos e algumas ocasiões somos referência de caráter, podendo ser um modelo a ser seguido ou recriminado.

O caráter de uma pessoa é posto à prova de julgamento principalmente com aqueles com quem temos maior contato, como por exemplo, nas relações pais e filhos, avós e netos, tios e sobrinhos, relações nas quais somos responsáveis por educar e exercer influência na formação de um caráter e acabamos por nos transformar em espelhos, por isso é importante pensar cada atitude que tomamos, cada palavra que pronunciamos.

A mensagem que o livro passa é universal independe do tempo, nossas vidas são cheias de conflitos e as pessoas estão longe de perfeição, e devem buscar uma maneira de superar desafios e enfrentar nossos dilemas individuais.

Relatório 9 - Janice

Sempre admirei as pessoas que tem o dom da palavra, palavras que fluem facilmente, tão fácil como sorrir ou respirar. Tentarei traduzir nas próximas linhas os sentimentos que afloraram ao ler este livro.

As passagens da infância de Olga, levam-me a questionar como sou frente a educação dos meus filhos, que força tem minhas palavras para eles, as passagens da morte do cão ou das ovelhas próximas ao abismo mostram quão marcantes podemos ser na vida dos pequenos, por dizeres que julgamos sem importância. Como é tênue o limite que nos faz acertar ou errar na educação, ora dando muita liberdade, ou sendo muito rígidos. Somente o futuro poderá nos dizer se cometemos mais acertos do que erros.

Quando Olga relata sobre sua fase adulta, sobre o relacionamento amoroso com Ernesto, vejo nela uma coragem que não tinha tido até então, talvez por neste momento ela ter seguido seu coração, até ter tido um filho deste amor, mesmo sendo criada em padrões rígidos com eram na época.

Na velhice, Olga novamente começa a seguir seu coração, colocando nas cartas, palavras que nunca foram ditas, tentando minimizar o abismo que existe em seus relacionamentos. Para termos êxito profissional temos que seguir nosso coração, pois, trabalhar com pessoas, na nossa rotina diária exige doação. Não podemos nos doar de coração fechado.

Mais do que uma leitura, mais do que o profissional, este livro foi para mim, uma reflexão de como fazer a vida melhor.

Relatório 10 - Milena

Vá onde o seu coração mandar é uma busca de respostas, conflitos e situações mal resolvidas. As pessoas se questionam e tomam suas decisões e conclusões muitas vezes precipitadas.

Como agir e de que forma agir diante de tanta insegurança? Gerações opostas, gerações desencontradas.

Na realidade cada um de nós tem situações parecidas e muitas vezes até mesmo idênticas. Como conseguir colocar em prática, às claras tudo que somos e como somos?

Quantas dúvidas em nossas vidas de situações pendentes. Tudo seria tão mais fácil e prático se conseguíssemos retirar as máscaras que carregamos.

Tudo que percebemos é que podemos mudar todo um contexto apenas com atitudes, nos colocando no lugar do próximo seria um ótimo começo.

Não quero dizer o que eu não gostaria de ouvir,não quero tratar da maneira que não gostaria de ser tratada. Uma vida de emoção, de ilusão e de muita , muita sede de se feliz.

Olga tinha muita vida, assim como sua filha, sua neta. Cheia de personalidade, vitalidade e garra para mudar o mundo. Só que a vida lhe fez caminhar em caminhos tão diferentes e inusitados. Com tudo, Olga acabou transformando-se em uma pessoa tolhida.

A vida lhe trouxe desilusão, angustia e apesar de ter constituído família, sempre esteve só. É obvio que teve seus momentos de alegria e prazer, mas, de uma maneira geral, viveu em padrões que a sufocaram de tal maneira que a levou a ficar em silêncio por anos. Tenho a impressão de que Olga precisava do seu próprio perdão.

Toda essa reflexão me fez votar a situações que vivi, que vivo e que de uma maneira ou outra é uma realidade da minha vida e com certeza na vida de muitos.

É admirável uma família que em momento algum tenha se rompido mesmo que por um momento. Posso lhe afirmar que sempre fui e sou 100% família. Vejo família como um bem maior e melhor. Quero ter a oportunidade de passar a essência de coisas boas de educação que recebi, mas, pode ter a oportunidade de dar o meu toque.

Em outras palavras colocar para germinar a minha sementinha e ver os bons frutos. Considero a melhor herança da vida de alguém.

Vejo que temos um poder tão enorme em nossas mãos sobre os nossos filhos, pessoas que estão próximas e, que a maioria desconhece. Seja em um gesto, em uma palavra, uma atitude tudo isso pode mudar a conduta e a personalidade de uma pessoa pela vida inteira.

Hoje posso dizer que estou em um momento Olga.

> O único mestre existente, o único verdadeiro mestre de confiança, é a nossa consciência. Para encontrá-la, precisamos ficar em silêncio – sozinhos e em silêncio – precisamos estar nus na terra nua, sem nada em volta, como se já tivéssemos morrido. (Tamaro, 1995)

Quão prazeroso seria esse momento, poder estar e ficar estatelado em profundo silêncio com a nossa própria consciência.

Quero agradecer o convite e a oportunidade de fazer parte do Laboratório de Humanidades, foi de grande valia os momentos vividos aqui.

Relatório 11 - Nanci

Infelizmente não pude comparecer a última reunião do Laboratório de Humanidades , pois tive que comparecer a um evento pré-agendado no Sírio Libanês. Como entreguei meu feedback naquele dia, estou fazendo hoje por e-mail. Me desculpe pela demora.

Foi uma experiência bastante interessante, eu realmente gostei muito de ter participado. Eu tenho por hábito ler continuamente, termino um livro e começo outro. Há alguns anos adotei uma rotina de ler 90% de literatura iberoamericana em espanhol em virtude da minha paixão pelo idioma. O que acabo lendo em literatura nacional ou traduzida são livros de gestão.

Logo no primeiro encontro me chamou muito a atenção o comentário de algumas pessoas, não no que dizia respeito as percepções da história em si, mas, o relato de que ao ler as cartas elas começavam a imaginar mentalmente com eram os personagens da história como se essa sensação fosse algo raro para elas. Isso para mim parece Sr uma condição imediata e automática e é exatamente isso que faz a leitura se algo tão mágico, esta possibilidade de imaginação constante de como são as pessoas, fatos e lugares descritos. Acho que as pessoas da área de saúde, de um modo geral, leem muito pouco romance e acabam lendo apenas coisas técnicas. Enfim, precisa te dizer sso, pois achei que fazia parte do comentário global.

Falando mais especificamente da dinâmica do laboratório gostaria de comentar alguns aspectos;

1. Condução do Prof. Dante – Excelente dinâmica, tinha um ritmo de discussão contínuo e sempre fazia um contraponto do que havia sido comentado provocando discussões sobre algum aspecto novo que alguém não havia comentado. Seus comentários sempre muito pertinentes e holísticos estimularam bastante as discussões.

2. Atitude respeitosa e integração entre os participantes

3. Conhecer fatos privados e muitas vezes surpreendentes da vida das pessoas que estão próximas a nós diariamente. Alguns depoimentos foram emocionantes. Isso pode aproximar pessoas o que de outra forma talvez não ocorreria.

4. Tempo das sessões – 1:30 minutos foi um bom tempo para conciliar as agendas de trabalho e também suficiente para as discussões em grupo.

5. Tempo total do laboratório – Acredito ter sido suficiente, mas, se houvesse 1 ou 2 sessões extras não acharia demais.

Enfim, este é o meu parecer sobre tudo. Espero que possa se repetir no ano que vem.

Relatório 12 - Vera

O livro escolhido para essa dinâmica trouxe-me muitas reflexões, a primeira tocou-me profundamente já que estava relacionada à educação, responsabilidade e liberdade, sentimentos tão delicados e ao mesmo tempo tão fortes que se confundem e nos levam a crer quanto é tênue e difícil a educação de nossos filhos, essa convivência tão prazerosa mas tão cheia de detalhes que nos aflige, onde muitas vezes erramos, mas sempre com o desejo de acertar.

E amar é um sentimento tão turbulento, mas tão bom, tão contrastante, mas imprescindível à vida. A vida pessoal e profissional!

Na segunda parte do livro que sob o meu ponto de vista iniciou-se após a morte de Ilária e a descoberta de Olga sobre seu verdadeiro amor, levou-me a literalmente assistir, digo assisti-la e admirá-la, pois corajosamente “permitiu-se” amou-se, respeitou-se e enfrentou sua gestação com a naturalidade de quem realmente soube o que é o “amor” (acredito que muitos passam por esta vida sem saber o que é o amor).

Outra reflexão é a religiosidade voltada à morte, acredito que anseio falar aos outros aquilo que acredito, pois, tenho receio de perder essa oportunidade,

oportunidade que possa ser a última diante da morte. Por isso não me silencio, mas, sei que as palavras devem ser medidas e concedidas, não para atingir.

Quanto ao contexto profissional, entendo que ir aonde o coração mandar é seguir as suas próprias “escolhas”, ainda que equivocadas, mas deverão ser realizadas.

Excluindo vaidades,melindres e orgulhos bobos que nada nos acrescentam, mas que infelizmente tanto valorizamos e aí sim nos perdemos em frustrações, rancores e mágoas, portanto, permita-se, liberte-se e realmente vá aonde o seu coração mandar.

Relatório 13 – Vânia

Pensando por este foco, e trazendo para o ambiente corporativo, podemos atingir por essas reflexões a questão da humanização no ambiente organizacional ou não, depende exclusivamente do como a pessoa faz essa “ transferência”. Falar sobre esses temas é muito enriquecedor, mas na prática pode ser diferente...

Senti também que algumas pessoas estavam lá, como numa terapia de grupo, o que em minha opinião não era o objetivo.

O número de encontros/n. de horas, acredito que também dificulta num ambiente organizacional, é muito difícil semanalmente conseguirmos dedicar 1h30’ para esse trabalho. Penso que cargos mais operacionais e assistenciais tem ainda maior dificuldade.

ANEXO 3

Entrevistas

Quadro dos Participantes da Entrevista[7]

Colaborador	Idade	Formação e Atividade	Tom Vital
Lena	50 anos	Trabalha na área da Qualidade	**Momento de colocar nossa opinião.**
Vera	41 anos	Enfermeira, atua como Supervisora na área assistencial	**Respeito ao outro, ouvir e ser ouvido.**
Milena	43 anos	Ensino médio completo, atua como secretaria.	**O fato de ler, desperta e faz refletir.**
Renata	36 anos	Psicóloga, atua no setor de psicologia	**Histórias de vida compartilhadas.**

[7] Para preservar o anonimato dos participantes desta pesquisa foram adotados pseudônimos.

Lena

Tem 50 anos, é casada há 25 anos e tem 2 filhos. Trabalha no Hcor há 5 anos no departamento de Qualidade, onde é responsável pelas auditorias internas do hospital. É enfermeira, pós-graduada em infecção hospitalar, Gestão Empresarial e Docência em Ensino Superior. Desde que se formou trabalha em hospital, inicialmente na área assistencial e depois foi para a área administrativa.

Quer continuar estudando, mas não sabe se irá realizar um curso de inglês ou outra pós-graduação.

Fui convidada para participar do LabHum pela Dra. B, nossa superintendente e na primeira aula eu e minha amiga Paola não conseguimos ir, pois estávamos em um evento .

As pessoas que participaram do primeiro encontro disseram que havia sido bom e mesmo sem saber se poderíamos participar fomos ao segundo encontro, inicialmente em função do convite que havíamos recebido.

Fizemos a leitura do livro e começamos a participar, as pessoas eram conhecidas, a duração era de 1 hora e 30' e podíamos nos colocar de forma espontânea e já que eu havia começado, fui até o fim, pois termino tudo o que começo.

Na verdade sou muito cética: azul e azul , preto e preto. As pessoas diziam que não entendiam como eu estava gostando, pois aqueles que me conheciam achavam que eu não iria gostar. Na verdade, eu achei diferente, nós não ficávamos imaginando alguma coisa que não existia, falávamos sobre um tema, a percepção das pessoas diante daquele assunto. Refletimos sobre humanização.

Humanização para mim significa a preocupação com o outro, como lidamos com o paciente, é procurar perceber o outro e tentar ajudar, naquilo que eu puder ajudar.

Após a minha participação no LabHum não mudou muita coisa, mas foi interessante eu participar, eu gostei, pois tínhamos um assunto e eu podia debater sobre isto, e isto eu gosto. Eu percebi que posso participar de grupos e dar minha opinião, além de ter a oportunidade de falar sem ser obrigada. Foi uma leitura gostosa, o livro não tinha muitas páginas e era interessante.

O que mudou foi aquela impressão de que eu iria lá para ver se branco é branco mesmo, e não foi isto, pois eu pude debater e expor minhas ideias. Acho que não fomos bem preparados para participar do laboratório de humanidades, mas na

segunda aula vocês explicaram. Percebi que começamos com um número maior de pessoas e depois foi diminuindo, pois a princípio as pessoas estavam participando em razão do convite da Dra. Bernardete e quando perceberam que ela não iria participar, deixaram de ir. O grupo diminuiu e ficaram somente as pessoas que verdadeiramente se interessaram. Eu acho que isto é uma falta de humanização com você e com o professor Dante.

Penso que este trabalho pode ajudar as pessoas a se tornarem mais humanas, desde que tenha continuidade. Precisaria continuar este trabalho, para que todos os colaboradores estendessem o que é humanização.

Para mim humanização é cooperação, é sentir, perceber as pessoas com quem você vive.

Vera

Tem 41 anos, é casada, tem um filho e está grávida novamente. Trabalha no Hcor há quase 8 anos , começou como enfermeira pleno e após um ano e meio foi promovida a supervisora de enfermagem.

Nasci em São Paulo, minha mãe foi pai e mãe, meu pai não aceitou muito a gestação e ela assumiu sozinha. Quando eu tinha 9 anos minha mãe se casou e teve meu irmão e a diferença será a mesma que os meus filhos irão ter um do outro . Eu digo que as histórias se repetem.

Eu, meu marido e meu filho somos uma família muita unida. Nosso relacionamento é bom, temos sintonia e como qualquer casal temos intempéries, já passamos por muitas dificuldades, mas, isto nos fez amadurecer . Tivemos um ano de 2010 muito complicado, mas passou...

Decidi fazer enfermagem e me formei em 1994, depois de formada fiz uma especialização em neurologia, no hospital das clinicas e depois de 1 semana consegui um emprego no Hospital Nove de Julho, onde trabalhei por 10 anos. Meu primeiro filho nasceu e acabei saindo do Nove de Julho. Depois vim para o Hcor e fiz duplo vínculo, trabalhava no Hcor e no Hospital Paulistano.

Sou extrovertida, gosto da vida e a vida é muito generosa comigo. Mesmo que tenha dificuldade, sinto que não estou sozinha, sempre aparece alguém para ajudar.

Gosto de música , adoro ver tv , gosto de brincar com meu filho, cozinhar, interagir com minha família. Sou forte, apaziguadora e às vezes não tenho o gênio muito fácil. Sou muito autocrítica, isto me deixa com a auto estima rebaixada.

Foi ótimo ter participado do laboratório de humanidades, a troca foi muito boa, na maioria das vezes não só os problemas são semelhantes , as soluções, os questionamentos também são. O ser humano partilha dos mesmos questionamentos, das mesmas dúvidas, muitas vezes pensamos que é só conosco, mas o meu colega pode estar passando pela mesma situação. Pensamos que só acontece com a gente.

A minha participação no LabHum foi importante para entender o outro, para conhecer outras pessoas e ver outros pontos de vista, de ouvir e ser ouvido, de falar, de participar desta interação. Após a minha participação senti que mudou, acrescenta algo mais como ouvir o outro, ter um olhar diferente para o paciente e entender as reações da família, porque é tão arredia, tão difícil de lidar e nós às vezes só precisamos ceder um pouco, ter jogo de cintura para lidar com os pacientes, ser um instrumento de mudança para que as pessoas sejam mais acolhidas.

Esta experiência ajuda na humanização, isto é um fato. Embora eu pense assim, é necessário que as pessoas estejam abertas, receptivas, caso isto não ocorra não vão tirar proveito do momento. Temos que ter maturidade para avaliar o que é importante e o que nós não vamos tirar proveito.

Milena

Tem 43 anos é casada e tem 2 filhos. Trabalha há 16 anos no Hcor exercendo a função de secretaria. Tem ensino médio completo, fez magistério e um curso de secretariado.

Resumidamente, sou uma pessoa simples, comunicativa e já passei por muitas situações no decorrer da vida. Casei-me cedo, sou muito família, sou muito mãe e em primeiro lugar está a família que é a base de tudo. Somos uma família muito unida, eu, meu marido e meus filhos. Tive uma grande e lamentável perda em minha vida, o meu filho mais velho, há 5 anos e tento lutar para superar isto, o trabalho me ajudou muito e as pessoas com quem trabalho também. Sei que vamos continuar

com esta dor e que nunca vou ser a mesma pessoa, completa e preenchida, mas, vamos oscilando, entre altos e baixos, vamos sobrevivendo.

Tenho uma filha de 3 anos e um filho de 11 anos, que vai completar 12.

O trabalho não deixa de ser minha família também, pois parte do tempo passo na empresa. Antes de trabalhar no Hcor trabalhava como professora. No Hcor também tive uma perda muito importante, uma pessoa com quem trabalhei e que me ensinou muito. Ela trabalhava no hospital há 30 anos. Foi um presente ter trabalhado com ela. A partir de hoje estou assumindo o setor de Home Care. Assumir este setor é muito bom, um estímulo, o novo no começo impacta, mas acho que vai dar certo!

Hospital é muito bonito, parece um shopping, um hotel mas é um hospital, nós temos que estar sempre nos colocando no lugar do outro. É muito bom quando vamos a um local para ser atendido, principalmente na área de saúde e encontramos uma referência, um apoio, que te passa segurança e tranquilidade.

Eu achei o laboratório de Humanidades incrível, nunca tinha passado por esta experiência. Infelizmente só foram 4 encontros, eu achei que foi pouco. Como temos um dia a dia muito atribulado, vamos deixando a leitura para segundo plano e o fato de ter que ler, participar , enfim, isto é muito bom e despertou interesse, mesmo com uma criança de 2 anos . Eu dizia para a minha filha: agora você irá dormir e a mamãe vai ler. E neste momento eu me entregava para a leitura e refletia sobre tudo o que eu estava vivendo.

Ler é desenvolver o imaginário, você vai lendo e criando na sua mente, vai colocando ali os personagens, vai entrando na historia, vai se perguntando, vai se questionando, porque tem sempre um ponto da historia em que você vai ser referência, pois, vai de encontro ao que você viveu e vive e vai se identificando com alguma coisa.

Os encontros foram importantes e muito bom, você acaba falando do que leu, interpretando , trocando informações e ao mesmo tempo você faz uma terapia em grupo. Vai expondo, colocando suas opiniões, suas vivencias, sua dor ou sua alegria. Eu achei muito importante e julgo que toda empresa deveria ter e as escolas também, um trabalho deste para ajudar os jovens.

O LabHum me ajudou a colocar-me no lugar do outro, me posicionar , ver de forma diferente. Acrescentou ainda mais a tudo aquilo que eu já sabia, veio a confirmar e o que estava esquecido voltou à tona novamente. Gostaria que fosse realizado novamente e que houvesse outros encontros como aqueles. Foi muito valioso.

Renata

Tem 36 anos, é solteira. Trabalha no Hcor na área de Serviços de Psicologia. É psicóloga, especializada em Oncologia.

Sou da Paraíba e estou em São Paulo há 4 anos. Sempre tive o sonho de trabalhar na área hospitalar e este campo é restrito por lá. Terminei minha faculdade, fiz pós-graduação e não trabalhei na área por conta desta restrição, mas sempre tive vontade. Resolvi mudar a minha vida e vim para São Paulo em busca do que queria.

Fiz uma escolha e sempre que fazemos escolhas, estamos renunciando outras coisas. Sinto falta de muita coisa, mas o meu momento é este de fazer o que sempre quis.

Sou pessoa determinada e me julgo corajosa. Divido um apartamento, não tenho ninguém aqui e algumas vezes passo por momentos de extrema solidão. Venho de uma família muito festiva, todo mundo se reúne, é por isso que eu sinto falta. O nordestino é mais aberto e isto eu sinto falta aqui.

Eu me adaptei bem a cidade e gosta daqui , não penso em voltar. Não sei se é para a vida toda, pois é muito tempo. Hoje é aqui que eu quero ficar.

O que achei interessante, já fazendo um paralelo com o laboratório foi o livro escolhido que de certa forma, eu acho que o livro é uma busca, uma viagem da Olga em busca dela mesmo. Para ela contar sua história através de cartas, ela esta buscando ela mesma. E no fundo foi isto que eu vim fazer aqui, eu acho que eu vim me buscar. Eu gostei tanto do livro quando do laboratório por conta disso, que eu me vi um pouco ali.

Inicialmente pensei em fazer psicologia para trabalhar com crianças, mas depois que eu entrei em psicologia e vi como era trabalhar com crianças, eu desisti, pois me envolvo e na psicologia não pode se envolver. Trabalho na oncologia, lido com a morte todos os dias e para ter que aguentar este trabalho eu faço terapia, porém a pediatria é minha limitação.

Gosto do meu trabalho e sinto-me feliz ao atender meus pacientes. É pesado, muito pesado, mas eu gosto.

O laboratório foi importante, mas só fazendo uma crítica acho que nem todo mundo estava preparado para aquele encontro, talvez como foi no hospital , em uma instituição, algumas pessoas foram por obrigação. Acho que foram no dever de prestigiar alguma coisa e eu acho que elas não estavam preparadas e algumas pessoas entraram no clima de encontro e outras não, e aquelas que não entraram

atrapalham o andamento do grupo, porque fazer grupo é muito difícil ,as pessoas tem que entrar em sintonia.

Foi uma experiência enriquecedora, de troca mesmo, a gente acaba trocando muita coisa, o que a gente fala, o que escuta e as pessoas tem que saber que vai ficar ali, pois são historias de vida compartilhada e temos que ter maturidade para entender que aquilo é do grupo não é de mais ninguém fora daquele espaço.

Penso que com esta experiência em si, estou falando desta situação, no lugar onde foi feita, uma vez só, acho que não deu para abrir a cabeça de muitas pessoas para ver a grandeza, talvez para mim e a M. houve uma facilidade maior. Nós trabalhamos com isto e sabemos que podemos levar esta experiência para outras coisas. Para mim foi enriquecedor, escutar historias é sempre enriquecedor. Eu escuto historias todo dia. Foi um momento de partilha e talvez para algumas pessoas não tenha tido muito efeito.

ANEXO 4

Termo de Consentimento livre e Esclarecido

1. Nome do projeto:
O Laboratório de Humanidades como experiência de Humanização – Caso Prático no Ambiente Hospitalar

2. Objetivo
O objeto deste estudo é relatar um caso prático no Hospital do Coração, do laboratório de Humanidades, a fim de verificar a eficácia desta experiência como meio para a humanização.

3. Procedimentos:

a. Autorização do Hospital do Coração para realização da pesquisa
b. Reunião de esclarecimento e informações sobre a pesquisa
c. Realização da pesquisa: 4 encontros semanais, com a duração de 1h e 30 min. Leitura do livro: Vá aonde o seu coração mandar – Susanna Tamaro
d.Transcrição dos encontros
e. Envio do texto final e Carta de Cessão para que o colaborador autorize a utilização desse texto. Neste momento o colaborador pode fazer correções no texto ou pedir para excluir partes.
f. Análise e categorização dos dados coletados

4. Procedimentos físicos (no corpo do colaborador):
Não há.

5. Riscos:
Não há riscos para a saúde e bem-estar físico dos voluntários.

6. Benefícios:
O benefício pode ser a reflexão que os participantes farão sobre sua vida pessoal e profissional ao participar das reuniões do Laboratório de Humanidades.

7 . Procedimentos alternativos:

Não há.

8. Garantia de acesso:

Em qualquer etapa do estudo, você terá acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. O principal investigador é o Sra. Stefania Lins Giannoni, que pode ser encontrada na Rua Charles Terry, 50 - SP, Telefones 11-3533-4132 ou 11-9744-6901. Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) – Rua Botucatu, 572 – 1º andar – cj 14, 5571-1062, FAX: 5539-7162 – E-mail: cepunifesp@unifesp.br

9. Liberdade de retirada:

É garantida a liberdade da retirada de consentimento a qualquer momento e deixar de participar do Laboratório de Humanidades, sem qualquer prejuízo.

10. Direito de confidencialidade:

As informações obtidas serão analisadas em conjunto com as de outros voluntários, só sendo garantido o anonimato. Só será divulgada a identificação do colaborador se autorizada ao final do procedimento, na Carta de Cessão, documento que autoriza a utilização do texto final;

11. Acompanhamento:

Direito de ser mantido atualizado sobre os resultados parciais das pesquisas, quando em estudos abertos, ou de resultados que sejam do conhecimento dos pesquisadores;

12. Despesas e compensações:

Não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação. Se existir qualquer despesa adicional, ela será absorvida pelo orçamento da pesquisa.

13. Danos pessoais:

Não há possibilidade de danos pessoais.

14. Utilização dos dados:

Os dados e o material coletado serão utilizados somente para esta pesquisa .

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo " **O Laboratório de Humanidades como experiência de Humanização – Caso Prático no Ambiente Hospitalar".** Eu discuti com o Sra. **Stefania Lins Giannoni** sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento,sem penalidades ou prejuízo.

Nome:

Assinatura do participante Data ____/____/____

ANEXO 5

Autorização do Hospital Hcor para Realização da Pesquisa

Hospital do Coração
HCor
Associação do Sanatório Sírio

DECLARAÇÃO

Declaramos que para os devidos fins que Associação do Sanatório Sírio – HCor aceita que a realização do projeto de pesquisa coordenado pela Psicóloga Stefania Lins Giannoni intitulado **"O Laboratório de Humanidades como experiência de Humanização – Caso Prático no Ambiente Hospitalar"** que tem como objetivo relatar um caso prático no ambiente hospitalar do laboratório de Humanidades, a fim de verificar a eficácia desta experiência como meio para a humanização, sendo o Pesquisador Responsável: Dante Marcello Claramonte Gallian

Bernardete Weber
Superintendente de Qualidade e Responsabilidade Social
Hospital do Coração - HCor

Rua Des. Eliseu Guilherme, 123
04004-030 Paraíso São Paulo SP
PABX 11 3053-6611 Fax 11 3887-3363
www.hcor.com.br
hcor@hcor.com.br

Instituto de Ensino e Pesquisa - (IEP-HCor)
Rua Abílio Soares, 250 – 12º andar
04005-000 Paraíso São Paulo SP
PABX 11 3053-6611 Fax 11 3886-4695

ANEXO 6

Parecer Consubstanciado do CEP

Plataforma Brasil - Ministério da Saúde

Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP/ Hospital São Paulo

PROJETO DE PESQUISA

Título: O Laboratório de Humanidades como experiência de Humanização ¿ Caso Prático no Ambiente Hospitalar

Pesquisador: Stefania Lins Giannoni

Versão: 1

Instituição: Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP/EPM

CAAE: 01135612.5.0000.5505

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Número do Parecer: 7478

Data da Relatoria: 16/03/2012

Apresentação do Projeto:

O presente estudo tem como objeto o laboratório de humanidades do Centro de História e Filosofia das Ciências da Saúde da Universidade Federal de São Paulo (CeHFi/UNIFESP). O objetivo é relatar um caso prático no ambiente hospitalar do laboratório de Humanidades, para verificar sua eficácia como um caminho de humanização na área da saúde.
O estudo trabalha com a hipótese de que a humanização deve ser buscada através da experiência interpelativa, que afeta o indivíduo pela via cognitiva, afetiva e volitiva. Ou seja, a ampliação da esfera do ser, ou a verdadeira humanização, deve ocorrer via esse encontro com a leitura e o compartilhamento de experiência, que além de trazer conhecimento (esfera cognitiva) e afetar o individuo em seus sentimentos, tocá-lo(esfera afetiva), deve ainda levar a uma mudança de visão e atitudes (esfera volitiva), onde se dá de fato a humanização.

Metodologia Proposta:
Depois de apresentado os objetivos e a metodologia da atividade (Laboratório de Humanidades) para os possíveis interessados na instituição onde será realizado o experimento (com a devida autorização e supervisão dos setores competentes) serão abertas as inscrições para a criação do grupo, que será composto por pessoas indicadas e que aderirão voluntariamente. Este grupo será formado por profissionais da Área Assistencial (enfermeiro, psicólogo, nutricionista, assistente social , fisioterapeuta). O grupo deverá ter no mínimo 10 e no máximo 30 pessoas. Será definido um livro, com um prazo para que todos leiam e então realizaremos reuniões semanais de uma hora e meia durante quatro semanas, seguindo sempre a metodologia do Laboratório de Humanidades. Ao final do ciclo, cada participante deverá entregar um relato da experiência, apontando suas impressões, impactos e críticas. Estes relatos servirão como documentação de análise da pesquisa.

Objetivo da Pesquisa:

O objeto deste estudo é relatar um caso prático no ambiente hospitalar (Hospital do Coração, em São Paulo) do laboratório de Humanidades, a fim de verificar a eficácia desta experiência como meio para a humanização.
Objetivo Secundário:
Testar a experiência do laboratório de humanidades em um cenário da área da saúde. Avaliar de que forma esta experiência do laboratório de humanidades contribui para a humanização daqueles que dele participam.; Verificar a possibilidade de desenvolver e propor um Laboratório de Humanidades adaptado à cultura hospitalar como meio de fomentar a humanização neste contexto.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:
Não há riscos para a saúde e bem-estar físico dos voluntários.
Benefícios:
O benefício pode ser a reflexão que os participantes farão sobre sua vida pessoal e profissional ao participar das reuniões do Laboratório de
Humanidades.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A experiência o Laboratório de Humanidades já vem sendo estudada dentro do contexto acadêmico em projeto de aluno deste programa de Ensino em Ciências da Saúde. Já este projeto que aqui se apresenta tem como fundamento esta pergunta: Será que esta experiência acadêmica que está em

desenvolvimento, com resultado promissor, é viável no ambiente organizacional? Como podemos implantar está metodologia nas organizações? Será que é possível? Quais seriam as adequações necessárias?
O ambiente acadêmico é mais reflexivo, o organizacional mais objetivo, não faz parte da sua cultura o processo de pensar. Será possível no meio empresarial as pessoas disporem de tempo e vontade para reflexão?

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Toda a documentação foi adequadamente apresentada Foi apresentada a carta do HCor concordando na participação da Instituição no estudo.

Recomendações:

Não há recomendações a serem feitas

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não foram encontradas inadequações neste estudo

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

O colegiado referendou o parecer do relator. Projeto aprovado.

SAO PAULO, 16 de Março de 2012

Assinado por:
José Osmar Medina Pestana